

DO MESMO AUTOR DE *SOFIA*

CAÍQUE BARRETO





CAÍQUE BARRETO
Perdido

Perdido
Caique Barreto
1ª Edição – 2017
Salvador – BA

Preparação de originais: Caique Barreto
Projeto Editorial: Daniel Rebouças|Editora Motres
Ilustração: Thais Gouveia
Imagens: © Freepik

Copyright 2017 © Caique Barreto
Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nenhuma parte dessa publicação poderá ser reproduzida, seja por meio eletrônico, mecânico, fotocópia ou qualquer tipo sem prévia autorização por escrito do autor. Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com nomes, lugares e acontecimentos é mera coincidência.

Para Rayssa e Jamerson.

Estamos sozinhos, mas não estamos sozinhos. Estamos aprisionados no
tempo, mas também somos infinitos. Feitos de carne, mas também de
estrelas.
Matt Haig

(Nicolas)

EU TINHA COMPLETADO ONZE ANOS. O dia estava tranquilo, um pouco frio, o que era típico do outono. O vento passava lentamente pelo topo das árvores ao redor do parquinho que se localizava em uma área ecológica da cidade. Aquele era o meu lugar favorito desde que eu tinha seis anos, pois todos meus aniversários que eu consigo me lembrar eram comemorados ao redor de crianças normais que se divertiam por ali.

Meu pai e minha mãe sempre montavam um piquenique ao lado de um enorme carvalho, sua sombra fazia daquele espaço um lugar ideal para sentarmos e conversarmos. Bem, era o que eu queria ter, apenas uma conversa com meus pais problemáticos.

Tudo estava bem, comemos o lanche que mamãe preparou, e daí, de um segundo para o outro tudo mudou. Meu pai começou a discutir com minha mãe, não aquela discussão que os pais falam baixo para não chamarem atenção quando estão ao redor de pessoas desconhecidas, mas uma discussão com vozes exaltadas e um típico vexame que minha mãe já estava acostumada. O mais hilário daquele bate-boca foi o motivo pelo qual ela começou. Meu pai odeia pasta de amendoim e minha mãe tinha se esquecido.

Caramba, como coisas idiotas podem acabar com alegria de uma pessoa. Foi naquela ocasião que achei um suporte para fugir daquele momento, como de outros que viriam.

Eu corri daquela cena, corri com a visão embaçada por causa das lágrimas que escorriam por entre minhas pálpebras inferiores. Não vi quando uma enorme árvore surgiu em minha frente.

O impacto foi forte. A dor que surgia era alucinante, o sangue vermelho vivo percorria por minha testa. Fiquei por um ou dois minutos sentado no chão para que meus pais me notassem. Na verdade, eles não notaram, e sim uma mulher que não me lembro muito bem a aparência dela, mas foi quem me viu e correu para chamá-los.

Enquanto o sangue escorria, eu, pela primeira vez depois de muito tempo, me senti bem.

TRÊS ANOS DEPOIS DO MEU INFELIZ ANIVERSÁRIO...

DIA UM (Nicolas)

– Nicolas?! – minha mãe bate outra vez na porta do banheiro. – Você está me ouvindo?

Respiro fundo. Olho mais uma vez no espelho antes de vestir a calça. Avalio o corte não muito profundo na minha coxa esquerda, que acabo de fazer com a lâmina do aparelho de barbear do meu pai.

Os meus olhos continuam irritados por eu ter chorado. Visto minha calça moletom e dou as costas para minha imagem no espelho.

– O que você estava fazendo aí dentro? – questiona minha mãe, assim que a porta se abre.

– Nada!

Ela me encara por alguns segundos. Minha mãe é uma ótima mãe, mas esses últimos dias, ela tem se afastado da nossa família. Ela parece muito cansada, há olheiras muito profundas ao redor dos seus olhos marrons claros. Seu cabelo longo e escuro ultimamente vive despenteado. Eu estou muito triste por ela.

Minha mãe fica me observando por algum tempo. Nós dois sabemos que o diálogo entre mãe e filho acabou. Ela sai da minha frente e eu caminho pelo estreito corredor até chegar ao meu quarto que fica a uns cem metros do banheiro. Fecho a porta e olho para o teto. Tento respirar fundo. Percebo que as lágrimas querem sair, respiro profundamente e fecho os olhos. Devagar, solto ar que está preso nos meus pulmões e começo a contar até que a sensação de choro passe.

Assim que acabo de contar, caminho até minha cama, pego um HQ que se encontra na cabeceira. Folheio algumas páginas e o fecho. Olho para os lados à procura do meu celular e o vejo na escrivaninha à minha frente. Pego, e começo a digitar a senha. Assim que os aplicativos surgem na tela, seleciono

a *playlist* de músicas para momentos ruins. Coloco o fone de ouvido e deito na cama de solteiro com estrelas e planetas fluorescentes que cobrem boa parte da cabeceira. Sei que é meio infantil para minha idade, mas não me importo.

A primeira canção é melancólica, mas fecho os olhos. É disso que preciso.

Basicamente é isso que eu faço, quando o momento ruim chega. Hoje ela chegou outra vez. Classifiquei esse dia como nível seis de uma escala entre um e oito. É assim que eu avalio o grau da minha grande e única amiga chamada Tristeza.

Ela tinha vindo hoje, sem avisar como sempre faz. Os meus momentos ruins estão cada dia piores.

Hoje tive outra “crise” assim que cheguei em casa. Eu chego sempre da escola ao meio dia. Nesse horário raramente encontro meu pai, mas ele estava lá. Acho que ele não esperava que eu aparecesse, porque você deveria ver a cara que ele fez assim que me viu. Percebi na hora que o meu pai não estava fazendo algo nada legal. O computador estava ligado, mesmo ele me olhando com olhos arregalados, pude ver o que tentava esconder: Uma mulher sem roupa estava na frente da tela. Notei na hora o que era aquilo.

Sem dizer nada, andei o mais rápido que pude e entrei no meu quarto. Foi lá que percebi que meu coração batia na velocidade da luz. Eu não queria acreditar que meu pai, um homem tão sério com as coisas desta vida, estava se satisfazendo por algo tão sujo, pois mesmo sendo ainda um pré-adolescente, eu sei muito bem o que era aquilo que tinha acabado de ver. Senti vontade de vomitar. Tranquei a porta e ajoelhei nos pés da minha cama. Deixei as lágrimas rolares.

Era estranho para um garoto da minha idade ver o que vi. Primeiro, aquilo fazia sentido de o porquê meus pais brigarem tanto de um tempo para cá. Segundo, creio que minha mãe já tinha descoberto sobre o que meu pai andava fazendo. Ela é boa em esconder os segredos dos outros, ainda mais de mim. Lembro quando tinha cinco para seis anos de idade, minha avó por parte de pai faleceu. Minha mãe fez uma cena muito bem feita para que eu não descobrisse. Só descobri umas semanas depois quando questioneei a ausência da minha avó.

Sinto a tristeza aumentar ao me lembrar disso.

* * *

Agora são quase sete horas da noite, e ainda estou em choque por causa do que aconteceu mais cedo. Meu pai está na frente da TV. Sei disso, por que foi

onde o vi pela última vez antes que eu entrasse no banheiro para tomar banho. Ele está me evitando, mas não ligo. Não quero olhar para meu pai. Estou com muita raiva, por que finalmente sei do motivo por tantas brigas entre ele e minha mãe.

Outra canção triste começa, continuo com os olhos fechados. Começo a imaginar o que está acontecendo atrás da porta do meu quarto. Tenho cem por cento de certeza que minha mãe está chorando por algum canto da cozinha. Sinto muito mais infeliz por ela, por saber que tem um marido nojento. Não percebo quando uma lágrima fria escorre do meu rosto.

Puxo o travesseiro que está abaixo da minha cabeça e coloco contra o meu rosto. Solto um grito, que é abafado. Deixo mais águas rolarem. Só paro de chorar quando os reservatórios de lágrimas dentro de mim se esvaziam. Tiro o travesseiro do rosto que está completamente ensopado.

Minha cabeça começa a doer. A dor é suportável. Enxugo o rosto molhado com a palma da mão e deixo a música que está tocando passar pelos meus ouvidos, conduzindo minhas emoções. Não percebo quando a claridade toca o meu rosto, viro minha cabeça rapidamente para o clarão e vejo minha mãe parada em frente à porta.

“Droga! E tinha esquecido outra vez de trancar a porta.”

Tiro um dos fones de ouvido para discutir com minha mãe sobre respeito à privacidade de outra pessoa, quando ela diz:

– Eu bati na porta, você não me respondeu. O jantar está pronto! – a sua voz sai um pouco rouca. Acho que ela já sabia o que eu iria dizer.

Percebo que ela havia discutido outra vez com meu pai. Observo seus olhos vermelhos e inchados.

– Não estou com fome. – murmuro.

Falo sem pensar, mas eu estou sem fome mesmo. Ela continua me olhando. Algo inesperado acontece. Minha mãe fecha a porta.

Pela primeira vez ela não insiste para eu jantar ou comer alguma coisa. Minha mãe deve estar realmente exausta para começar outra discussão.

Fico parado como uma estátua, e reflito sobre o que aconteceu. Só depois de um minuto volto a me mexer. Coloco o fone, e deixo que a harmonia do som do violino e da guitarra passe por minha alma.

DIA DOIS

(Nicolas)

Ainda é madrugada quando me assusto. Eu tinha pegado no sono sem sonhos outra vez. A *playlist* para dias ruins tinha terminado.

Tiro os fones de ouvidos, e ainda zonzinho levanto e tiro a roupa. Pego meu pijama listrado que está pendurado atrás da porta onde sempre deixo, e visto. Coloco meu celular que está programado para despertar daqui a quatro horas no criado mudo ao lado da cama, e volto a deitar. A sonolência surge sem demora.

* * *

Trim, Trim, Trim...

O alarme que vem do celular me desperta. A janela de vidro que está atrás de mim, deixa os feixes de luz do sol irradiar o quarto através das persianas azuis claras. Com os olhos encolhidos por causa da claridade, desativo o alarme e me levanto um pouco cambaleante. Sinto minha barriga roncar, mas não me importo.

De pijama, saio do quarto e noto um barulho na cozinha. Minha mãe deve estar preparando meu café da manhã.

Quando acabo de tomar banho e escovar os dentes, visto minha farda que está dobrada dentro do meu guarda-roupa. Pego em seguida a mochila para dar uma vasculhada para ver que material estou levando. Troco alguns livros por outros e fecho o zíper do único bolso grande da mochila.

Caminho até a pequena cozinha. Minha mãe está enchendo meu copo com uma vitamina de banana e maçã como ela faz todas as manhãs. Sento na cadeira de madeira em frente ao balcão de granito escuro, e solto um pequeno sorriso para ela quando me entrega o copo.

Percebo que meu pai não está mais em casa, sempre quando acordo ele já está a caminho do trabalho. Ele trabalha em um escritório de advocacia, e tem vezes que prioriza tanto o trabalho que nem aparece para jantar.

Não compreendo de imediato, mas minha mãe está falando comigo.

– Só vou pegar minha bolsa e nós vamos. – ela diz.

Olho para minha mãe, e percebo que ela está muito arrumada, comparado a ontem. Seu cabelo escuro se encontra preso em um penteado elegante, sua

saia verde celeste e sua blusa branca com detalhes do mesmo tom da saia à deixa ainda muito bonita. Minha mãe trabalha no período da tarde em uma clínica particular como enfermeira, mas eu sei que isso não tem nada a ver por ela estar tão magra. Minha mãe ultimamente tem emagrecido muito. Se alguém comparasse alguma foto dela um ano atrás com uma de agora, entenderá o que estou falando.

– Não entendi. – falo, enquanto dissipo meus pensamentos.

Ela sorri.

– Falei que te levarei para escola hoje. Preciso ir ao trabalho pela manhã.

– Ahh... – faço um gesto com a cabeça. – Tudo bem.

Já faz alguns meses que minha mãe não sai comigo, nem para me levar para escola. Aquele momento era especial. Eu tenho que anotar essa ocasião no meu caderno de momentos bons e ruins.

É eu tenho um caderno desses (não gosto de chamá-lo de diário, mesmo que pareça um). Ele sempre fica no meu quarto, no fundo da minha segunda gaveta de cuecas, onde sei que ninguém vasculha. Eu registro todos os acontecimentos da minha vida faz dois anos. Registrar alguns fatos me ajuda um pouco a suportar esse mundo, foi o que descobri em um site na internet.

Tomo minha vitamina o mais rápido que posso, sem que minha mãe perceba, se não levarei uma bronca, e quando o copo está totalmente vazio corro para meu quarto. Abro a gaveta e pego um caderno de capa dura azul que está meio rasurado, e sento na cadeira acolchoada em frente à escrivaninha que fica ao lado da janela. Pego minha caneta azul que já está acabando a tinta a poucos centímetros de mim e abro o caderno bem no meio.

6 DE SETEMBRO - MOMENTO BOM

MINHA MÃE ME LEVARÁ PARA ESCOLA.

Fecho o caderno assim que escrevo e o guardo bem escondido onde o tirei uns segundos atrás. Pego minha mochila, e vejo minha mãe na sala ajeitando alguma coisa dentro da bolsa. Ela pega as chaves do carro no braço do sofá e me chama. Minha mãe abre a porta e saímos. O dia está bastante claro, porém um pouco nublado, típico clima do fim de inverno.

O carro da minha mãe está estacionado em frente à garagem com dois portões de madeira envernizada. Enquanto caminhamos, sinto a grama alta

que tinha acabado de ser molhada pelos irrigadores, umedecer a barra da minha calça jeans escuro. Abro a porta do carro, e entro. Minha mãe liga o carro e em seguida dá a partida.

Minha escola não é muito longe de onde moro. No trajeto até lá, minha mãe e eu não conversamos. Ela liga o rádio e a voz de um cara que parece estar gripado surge, invadindo o silêncio. Notícias trágicas são anunciadas pelo homem. Notícias ruins que sempre acontecem com pessoas boas e más. Olho pela janela enquanto o carro se move e vejo as casas arquitetadas semelhantes umas das outras, que parecem tão vazias por dentro.

É assim que vejo as ruas da minha cidade – que você pode acreditar ou não – se chama Paz. Isso mesmo, ela se chama assim não só pela localidade tranquila, mas também por causa do pequeno índice de mortalidade que temos todos os anos, mesmo a cidade tendo poucos habitantes e muito turistas. Moro perto do litoral que fica a alguns quilômetros daqui, para muitos pode parecer o paraíso, mas para mim nem tanto.

Faz muito tempo que não vejo o mar, ultimamente meus pais estão trabalhando muito.

Dez minutos depois, minha mãe estaciona em frente ao prédio antigo, pintado de amarelo escuro e branco. O centro educacional Brilho do Sol, é umas das únicas escolas da região que os alunos gostam de estudar, menos eu.

– Boa aula, meu amor. – diz minha mãe, parando no meio fio a poucos metros da entrada da escola.

Não tenho vergonha de todos me verem chegando com minha mãe. Esse era um acontecimento raro, tenho que aproveitar.

Ela dá um beijo no topo da minha cabeça.

“Mais um momento bom. Que ótimo! Dois momentos bons em um só dia”, penso.

“Tenho que anotar isso quando voltar para casa. Continue assim, dia!”

– Valeu. – agradeço e dou um sorriso largo.

Saio do carro, coloco as duas alças da mochila nos ombros e caminho até o portão. Centenas de alunos estão chegando. Ouço a caminhada turbulenta do início do dia até a entrada. Muitas vozes conversam ao mesmo tempo, reconheço alguns colegas de turma quando chego ao corredor lotado, mas não falo nada com eles. Tenho certeza que eles nem notam minha presença.

Ando uns cem metros de cabeça baixa até chegar a minha sala.

Estudo no nono ano do ensino fundamental II. Minha sala está vazia quando entro. Caminho pelo corredor estreito entre as carteiras de madeira. Sento no fundo ao lado da janela de vidro um pouco empoeirada que ajuda a clarear a sala. Tiro as alças da minha mochila dos ombros e a coloco de lado da cadeira como faço todo dia, abro o zíper do único bolso que a mochila tem e pego meu caderno dividido pelas matérias que estudo. Fico aguardando como todos os cinco dias por semana a aula começar.

Minutos depois, alguns colegas começam a chegar. Os primeiros são Marcos e seu irmão Lucas. Eles são legais, não são tão populares, mas nunca falaram comigo. Depois de uns minutos, mais alguns colegas chegam, e para minha má sorte, Guga e sua gangue surge pela porta.

Guga é o garoto mais alto e mais forte da minha turma, tenho certeza que ele deve ser de todas as salas da oitava ou do nono ano. Sua fama de “garoto fortão” não tinha vindo de imaginações férteis. Ele é o cara que bate nos mais fracos, só para mostrar quem manda no “território” dele. Ele é um babaca, e digo isso porque... Aí meu Deus, ele me viu.

Olho para meu caderno rapidamente. Meu coração bate como uma locomotiva. Começo a sentir o ar sumindo dos meus pulmões.

Guga para na minha frente.

“Droga!”

– Magricela? – Guga me chama.

Olho para ele antes de responder.

– Oi, Guga. – minha voz quase não sai.

– Oi, Guga – ele imita minha voz, mas com um tom agudo como de uma menininha. – Hoje vou sentar aí. Sai do meu lugar.

Ele solta um sorriso.

Não protesto, eu apenas faço o que Guga pede porque sou medroso e não quero apanhar. Pego meu caderno e minha mochila o mais rápido que posso e me levanto rapidamente.

Olho de relance para Guga, e vejo que ele continua sorrindo. Os seus parceiros que estão ao lado dele começam a rir alto.

Caminho para uma carteira mais à frente. Antes de dar os três primeiros passos meu corpo tomba para frente de encontro ao chão.

Aii!

Meu rosto toca o piso gelado. A dor latejante em minha cabeça surge.

Meus olhos começam a queimar.

“Não chore”, falo para mim mesmo.

Antes que eu consiga levantar, algo muito bizarro acontece. Ouço a voz inconfundível e estranhamente elevada da garota popular do colégio.

– Seus babacas? Porque não mexem com monstros como vocês?!

(Ana)

Pego minha mochila ao lado da porta do meu quarto onde eu sempre deixo quando chego da escola, e corro escada abaixo para pegar o ônibus que passará em poucos minutos em frente à minha casa. Nem olhei quais eram os livros que estou levando.

Acordei tarde outra vez.

Antes de abrir a porta para sair, grito um tchau para meu pai que está em alguma parte da casa, e saio para o dia ensolarado com poucas nuvens que está magicamente propenso a ser um dia melhor do que ontem. Ando depressa e fico parada na calçada, escutando os passarinhos catarem em uma árvore perto de onde estou. O ônibus chega uns três minutos depois, a única porta dupla se abre e solto um sorriso para o Tady (que se pronuncia Tédi) antes de entrar.

Tady é um cara não muito velho, mas sei que tem uma filha da minha idade. Eu não gosto de usar o “tinha”, na verdade, a filha dele foi diagnosticada com leucemia um ano atrás e acabou falecendo. Tady é uns dos caras mais durões que conheço. Ele sabe misteriosamente lidar com a perda. Sei disso, porque depois que ele voltou a trabalhar um mês após a morte da filha, ele continuou a agir como o cara que anima as pessoas.

– Bom dia, garota bonita.

– Bom dia Tady, boné maneiro!

– Obrigado. – ele sorri e pisca o olho.

Assim que ele agradece, meus olhos vasculham o ônibus quase cheio.

– Ele não veio hoje! – diz Tady, que sabe muito bem sobre quem estou à procura.

Solto um pequeno sorriso e procuro um lugar não muito ao fundo. Sento ao lado de uma garota do oitavo ano que lança um longo oi para mim, no

trajeto até lá, alguns colegas me cumprimentam como de costume.

Olho mais uma vez para os bancos atrás de mim, para ter certeza que Tady não se enganou sobre o garoto que algum tempo venho observando.

Tudo começou no início do ano letivo. Eu sabia que algo estava errado com aquele menino que mora a alguns quarteirões da minha casa.

Nicolas é na verdade um pouco estranho, quer dizer, não falo por ele ser um garoto magro, que tem um andar atrapalhado e que vive sempre com o cabelo bagunçado. Ele é estranho porque não conversa com ninguém e seu semblante está sempre caído. Minha psicóloga me disse três meses atrás que se eu quero ajudar alguém, devo sempre me atentar ao semblante da pessoa.

Deve ser por isso que ele me chama tanto atenção. Ele é o garoto que qualquer valentão gosta de mexer. Os professores não parecem ligar, e nem ninguém. Sinto uma vontade imensa de conversar com ele, mas não sei como agir. Todos da escola falam que ele gosta de roubar, que é maluco e outras coisas piores, mas não acredito nessas histórias. Quero conversar com ele, mas não consigo. Tentei puxar um papo com ele há duas semanas, mas quando disse para minha amiga Carla o que eu iria fazer, ela me chamou de louca e que se eu fizesse isso a minha reputação na escola acabaria.

Foi aí que percebi o que eu estava me tornando: UMA GAROTA COMO AS OUTRAS. Era o meu sonho ser conhecida, fazer parte de um grupo e ter amigos na nova cidade.

Olho para as meninas no ônibus e sei exatamente o que cada uma quer se tornar: Populares. Quem é popular tem tudo que quer, mesmo se você está no ensino fundamental II. O garoto mais bonito sempre olha para quem tem popularidade, você está sempre rodeada de pessoas.

Porém se meus antigos amigos me vissem agora, saberiam que nunca fui assim. Tenho certeza que eles ficariam decepcionados. Sou a garota nova que veio de outra cidade, nunca fui popular, deve ser por isso que eu me sinto tão mal há dias.

Chegamos à escola depois de mais ou menos seis paradas até aqui. O prédio que foi construído na década de oitenta, já foi uma biblioteca, um cinema e agora uma escola. Sei disso porque meu professor de história contou para minha turma no início do ano letivo.

Ainda é um pouco estranho sair de uma cidade grande para morar numa cidadezinha perto do litoral. Paz (pode acreditar, é o nome da cidade) é um

pouco pacata, mais gosto do ar livre, e isso tem me ajudado muito.

Desço do ônibus e entro na fila movimentada para entrar no prédio. Eu ouço alguns “oi” de umas meninas populares do oitavo ano que sempre falam comigo.

O corredor está barulhento como sempre, alguns garotos extremamente bonitos do nono ano olham fixos para mim quando passo, eu finjo que não noto. Continuo minha caminhada até chegar à porta da minha sala. Paro no batente da porta aberta como se houvesse um campo de força invisível que não permite minha entrada na classe.

Uma fúria cresce dentro de mim instantaneamente. Meus olhos focam na cena que eu não esperava ver tão cedo naquela manhã.

Fábio, um aluno da minha sala, que faz parte do grupo de Guga, o garoto mais perverso do colégio que conheci até hoje, estende a perna sobre o tornozelo de Nicolas que caminha para frente de cabeça baixa. Observo-o cair como se ele estivesse em câmera lenta sobre a mochila que segura. Por um instante a escola parece estar em uma cena de um chato filme mudo. Segundos depois ouço gargalhadas, e não suporto. Deixo minha reputação de lado.

– Seus babacas? Porque não mechem com monstros como vocês?!

Guga se vira com uma fisionomia de urso enfurecido quando acabo de perguntar. Seus cúmplices param de rir e me encaram. Sem perceber, meus pés se movem rumo ao encontro do garoto caído.

– Ajudando o namoradinho, Ana? – Guga pergunta, dando uma gargalhada forçada.

Ignoro o que ele diz.

– Tudo bem? – pergunto para Nicolas, que está se pondo de joelhos.

Ele está de cabeça baixa. Mas percebo que movimenta a cabeça num sinal positivo. Estendo a mão para ele, e sem esperar, Nicolas segura. Sua mão está bastante suada e gelada.

Ouçó passos, e com os olhos estreitados encaro Guga que está vindo ao nosso encontro.

– Da próxima vez, Guga, meu querido, eu prometo que vou fazer algo que você não vai gostar. – digo quando ele está bem próximo de mim.

Solto um sorriso, enquanto Guga para a centímetros de mim. Por um segundo penso que ele vai me bater com suas mãos imensas.

– Você pensa que é valentona. Mas se você não fosse uma garota, eu quebraria essa sua carinha linda.

– Não seja por isso, Guguinha.

Com toda raiva que sinto naquele momento, eu mando um chute certeiro no meio das pernas dele.

– Ana Beatriz!

Uma voz autoritária berra o meu nome que eclode na sala, enquanto Guga se ajoelha no chão, berrando de dor.

Olho para o lado e vejo o diretor Felipe parado entre a multidão de alunos que apreciam abrigo.

– O que está acontecendo aqui? Quero uma explicação agora!

Tento raciocinar uma justificativa, mas antes que eu abra a boca uma voz, a voz de Nicolas eclode no silêncio.

– Guga, ameaçou ela, diretor! – ele gagueja.

Olho para Nicolas, e noto que ele está me olhando. Era a primeira vez que eu ouço a voz dele. Desvio o olhar.

O diretor Felipe finge que não ouviu, e fuzila os seus olhos azuis claros sobre mim.

– Eu quero você, o senhor Morales e a senhor Romero na minha sala, imediatamente. E vocês, seus bisbilhoteiros, para sala. Agora!

Depois da ordem, todos saem em disparada, os que estudam na classe do nono ano A ficam parados olhando o diretor sair.

Sem conseguir dizer nada, deixo Nicolas ir à minha frente, em seguida vejo Guga andando lentamente no fim da fila, sendo carregado pelos enormes ombros por seus compassos.

A sala do senhor Felipe não fica muito longe. No trajeto, ouço apenas o silêncio dos alunos que nos olham com cara de que não sei explicar. Vejo Clara com mais duas amigas nossas, elas mexem a cabeça lentamente. Estão decepcionadas comigo.

Andamos e esperamos o senhor Felipe abrir a porta. Entramos na pequena sala organizada do diretor que tem um forte cheiro de talco. A quatro cadeiras em frente à mesa do diretor. Sento ao lado de Nicolas. Guga se senta devagar na última cadeira, deixando a terceira perto de mim vazia. Ele faz uma careta.

O silêncio absoluto eclode quando o diretor fecha a porta.

– Eu não quero saber quem começou, mas vocês três, espero, eu espero

mesmo, que isso não se repita na minha escola. – diz o senhor Felipe, com um tom bravo ao se sentar em sua cadeira de couro preto à nossa frente. – Irei dar uma advertência para cada um, e estou sendo muito justo. Da próxima vez, não terei essa boa vontade.

Ele continua falando por uns dez minutos, sobre como crianças devem se comportar, que a escola não é um ringue de luta. Eu olho para o diretor, e finjo que ouvi tudo. Ele pode parecer jovem, mas todo mundo tem medo dele. Ouvi algumas garotas contarem uma vez que ele já tinha servido no exército. Não sei se acredito, mas o diretor Felipe amedronta qualquer aluno. Até o Guga.

Pelo canto do olho, observo Nicolas de cabeça baixa. Quero dizer ao diretor que Nicolas e eu, principalmente ele, não fizemos nada para merecer o que fosse. Guga e suas monstruosidades sim.

Sei que perdi a cabeça, mas Guga mereceu.

– Agora deem as mãos, e saiam daqui como amigos!

Meu queixo cai. Sério? Foi isso que eu ouvi? Sinto o meu nível de raiva subindo literalmente.

Depois de tanto falatório, o diretor faz isso? Eu quero muito chutar a partes de baixo dele também. Foco meu olhar com cara de garota boazinha para o diretor, mas que por dentro quer chutá-lo com toda força. Eu me levanto, e olho de relance para Guga e aperto a mão dele com total nojo que sinto. Eu me viro para Nicolas que está de cabeça baixa, e aperto sua mão que continua suada. Ele aperta de leve, mas logo solta. Em seguida Guga se movimenta e se aproxima, apertando a mão de Nicolas. O aperto dura menos de dois segundos, parece que Guga tinha pegado em algo nojento. O diretor não parece perceber.

Fico com mais raiva ainda. Como eu gostaria de chutar o diretor e o Guga agora. O diretor nos dispensa em seguida, eu fuzilo meus olhos sobre Guga enquanto ele é o primeiro a sair da sala. Nicolas e eu saímos assim como entramos, em silêncio. Fecho a porta, e percebo que os compassos de Guga não estão esperando por ele na saída.

Nós caminhamos para sala. A cada dez segundos observo Nicolas que caminha um pouco na minha frente. Guga já tinha saído em disparada para classe, com certeza estava com medo. Assim que chegamos à porta, todos olham para a gente, inclusive a professora.

– Podem sentar nos seus lugares – diz a professora Tereza, voltando a

escrever na lousa.

Obedecemos e Nicolas entra primeiro. Sem perceber noto que a única carteira vazia na sala já está ao lado da dele. Parece coincidência demais, mas daí eu vejo mais à frente o sorriso de Clara e sei o que significa. Não éramos mais amigas. Sério? Eu quero gritar e dizer para Clara como ela é uma garota má, e que eu estou muito feliz que não somos mais “best friends”. Na verdade, eu estou triste por ela agir assim, mas percebo agora que Clara liga mais para aparência do que para as pessoas, e isso nos faz diferentes. Se ela soubesse um pouco sobre o que eu já passei com certeza ela nunca falaria comigo. Porque são pessoas como a Clara e o Guga que faz do mundo um lugar pior para sobreviver.

Tiro a mochila das costas, e Nicolas e eu nos sentamos para ouvir a explicação da professora Tereza a respeito de concordância verbal.

Enquanto a aula passa, eu olho com o canto do olho para Nicolas. Desde que chegamos ele está de cabeça baixa. Lembro da minha reputação na escola, das minhas amizades. Mas eu me lembro que não sou assim, quero ajudar, mesmo que eu não seja mais a garota popular. Quero conversar com ele, mas como?

“Não sei o quer dizer!”

Uns minutos se passam até que eu me lembro. O meu aniversário, é claro! Fico mais velha daqui a dois dias, e meus pais iram fazer uma festa. Eu poderia convidá-lo. Por que não pensei nisso antes?

A ansiedade me invade naquele momento, e o medo também. Muitas dúvidas surgem em minha mente. Uma delas era se ele não aceitasse? O que Clara iria falar? O que todos irão fazer se eu conversar com Nicolas? Estou fazendo a coisa certa? Se...

Respiro fundo enquanto anoto no caderno, sem prestar atenção, uma lição de casa que a professora escreve na lousa.

O tempo parece se arrastar, minha ansiedade aumenta quando o barulho do sinal soa pela sala, anunciando o fim da aula. Enquanto a professora coloca seus objetos que estão sobre a mesa dentro da bolsa de couro com uma cara de *poodle* estampada na frente, eu volto meus olhos para Nicolas.

Tem que ser agora.

– Ei, Nicolas?! – eu o chamo com a voz baixa, mas é suficiente para ele mover a cabeça rapidamente.

Nicolas olha por um segundo para mim, antes de baixar os olhos para o chão.

Ele não responde.

– Você, bem... gostaria de ir à festa que meus pais estão organizando para comemorar meu aniversário na quinta?

Seus olhos voltam a focar os meus rapidamente. Seu olhar transmite tristeza.

– Você... – diz ele, mas para.

– Estou te convidando, você gostaria de ir? – digo, soltando um sorrisinho percebendo o nervosismo dele.

Nicolas não demora muito para responder.

– Cla... claro. – ele gagueja.

Solto um sorriso largo.

– Certo. Você poderia passar seu número para eu conversar contigo a respeito do horário da festa?

A reação dele é hilária quando termino de perguntar. Seus olhos se arregalam, passando de tristeza para espanto. Tenho vontade de rir com sua reação. Mas não quero deixá-lo constrangido.

Ele não diz nada, apenas abre o caderno, arranca um pedaço de folha de lá e anota o número.

(Nicolas)

Eu vi Ana Beatriz pela primeira vez quando passeava de bicicleta pelos bairros próximos a minha casa. Ela estava brincando com seu cachorro em frente à casa bege de um andar, que supus ser dela.

Ana é bonita, seu cabelo trançado loiro escuro e seu sorriso quase me fez perder o equilíbrio na bicicleta enquanto a admirava. Eu parei em baixo da sombra de uma árvore afastada dali, e fiquei não sei por quanto tempo parado, observando ela brincar. Ana não percebeu que eu estava observando-a, ainda bem, porque eu não sei o que faria se ela percebesse. Minutos depois, assim que Ana correu com o cachorro para dentro da casa, continuei meu trajeto.

Depois disso, eu a via no ônibus escolar, e claro na sala de aula. Por uma incrível coincidência começamos a estudar juntos no começo do ano, ela foi

transferida de outra escola, pois seus pais mudaram de cidade há poucos meses atrás. Descobri isso enquanto ouvia-a contar a turma um pouco sobre a vida dela no primeiro dia de aula, onde os novos alunos tinham que se apresentar em frente à turma.

Eu nunca, nunca mesmo, pensaria que uma garota tão popular como Ana me convidaria para uma festa. Aliás, faz anos que não recebo nenhum convite.

Muitas coisas aconteceram antes disso.

Guga e seus amigos valentões me derrubam na frente de outros colegas de turma que não parecem se importar. Aguento fundo a dor de cabeça, que surge junto com as lágrimas que vem me tomando por dentro.

Não sou chorão, não gosto de chorar na frente de ninguém, ainda mais de pessoas que não gostam de mim.

Tento levantar, eu sinto meu corpo tremendo e uma tontura me atinge. Naquele momento o meu mundo parece perder o sentido. Ouço a voz dela. Ana berra algo que não entendo. Olho em direção a porta e vejo-a parada, caminhando em minha direção. Fico surpreso quando Ana estende a mão, enquanto me coloco de joelho. Alguma coisa dentro de mim fala para segurar. Eu toco sua mão macia e me levanto. Não consigo tirar os olhos dela.

“O que está acontecendo comigo?”

Deve ser minha cabeça que sofreu danos quando bateu no chão. Talvez eu esteja sonhando. Fico curioso onde isso me levará.

Ana encara Guga que caminha na nossa direção, percebo que ela se coloca em minha frente, como uma parede frágil. É estranho, mas temos a mesma altura. Penso por um momento que Guga irá bater nela, mas se ele tocar as mãos sujas...

Guga fica a centímetros do rosto de Ana. Ela não parece se mover. Percebo que Ana não está com medo. Nossa! Eu nunca vi uma garota sendo mais valente que um garoto em toda minha vida. Sinto um pouco de vergonha.

Noto um pequeno vestígio de medo no rosto dos capangas de Guga. Quase solto um riso, porém se eu soltar se quer um pequeno sorriso, vou levar uma surra do Guga que já está muito nervoso ou receberei um novo apelido dele.

– Você pensa que é valentona. Mas se você não fosse uma garota eu quebraria essa sua carinha linda. – diz Guga, olhando nos fundos dos olhos de

Ana.

Vejo os cantos dos lábios dela se moverem. Ana está sorrindo.

– Não seja por isso, Guguinha.

Algo acontece. Eu só posso sentir um misto de alegria e de justiça invadindo minha alma. Ana, com toda força, dobra o joelho e chuta as partes sensíveis que todos os garotos têm. Guga cai de joelho no chão.

Os seus amigos olham para aquela cena, o medo surge nos rostos deles.

– ANA BEATRIZ! – uma voz áspera ecoa pela sala.

Eu me viro de lado em direção a porta. Ana faz o mesmo.

– O que está acontecendo aqui. Quero uma explicação agora!

O diretor Felipe, um homem magro de cabelo bagunçado e muito jovem para dirigir uma escola, que talvez fosse um pouco mais alto que meu irmão mais velho, surge no meio da incrível multidão que se formou rapidamente sem eu perceber.

De cabeça baixa olho para Ana, ela está sem reação. Vejo Guga ainda de joelho, olhando para mim. Ele solta um sorrisinho do mal.

– Guga, ameaçou ela, diretor! – Minha voz sai sem eu perceber.

Meus olhos focam o rosto do diretor, mas sem entender o que está acontecendo comigo, volto meu olhar para Ana. Meu Deus, ela está me encarando!

Não sei por quanto tempo fico olhando para ela, pois Ana desvia o olhar.

“Como sou burro”.

– Eu quero você, o senhor Morales e a senhor Romero na minha sala, imediatamente. E vocês, seus bisbilhoteiros, para sala. Agora! – O diretor grita outra vez, fuzilando seus olhos azuis sobre Ana.

Imediatamente todos os alunos se espalham.

Volto a baixar minha cabeça, fitando meu tênis preto com detalhes em vermelho. O senhor Felipe começa a andar e percebo que Ana está ao meu lado. Minhas pernas estão trêmulas.

“Calma Nicolas, vai ficar tudo bem”, falo comigo mesmo.

O corredor está um pouco silencioso, mesmo que não tenha iniciado a primeira aula, sei que a maioria dos alunos estão dentro da sala esperando o senhor Felipe entrar em sua sala. Alguns alunos que pude notar pelos sapatos que usam estão como estátuas petrificadas pelo corredor observando a gente passar.

Não conheço ninguém que não tenha um pouco de temor do diretor. Mesmo sendo novo para um cargo tão responsável, o senhor Felipe era muito conhecido por seus castigos um pouco “severos disciplinares”. Meu medo aumenta nessa hora.

Caminhamos uns vinte metros, até que vejo os sapatos sociais pretos envernizados do diretor parar em frente à porta pintada de um verde escuro, com uma plaquinha pendurada que está escrito em forma talhada: DIRETORIA.

Naquele momento percebo que Ana continua do meu lado. Tento não olhar para ela e consigo. Permaneço olhando para o chão.

Guga geme atrás da gente. Quero rir novamente, mas fico com medo da reação do diretor. Então me concentro, pois sou bom nisso.

O senhor Felipe para e abre a porta. Ele fica ao lado da entrada da sala aguardando a gente entrar. Sento numa cadeira afastada das outras três em frente à mesa gigante de madeira rústica do diretor.

Isso não funciona muito, olho para os tênis roxos brilhantes que se movem na cadeira ao meu lado. Meu corpo está tremendo, mas não consigo pensar em nada para que o tremor possa diminuir.

Não preciso nem pensar por muito tempo sobre um método contra o nervosismo. O senhor Felipe se senta na cadeira de couro preta acolchoada a nossa frente, e imediatamente começa a falar:

– Eu não quero saber quem começou, mas vocês três, espero, espero mesmo, que isso não se repita na minha escola. – O seu tom de autoridade começa a eclodir na sala. Eu fico escutando. – Irei dar uma advertência para cada um, e estou sendo muito justo. Da próxima vez, não terei essa boa vontade.

O senhor Felipe fala por uns minutos intermináveis, toda vez que ele aumenta a voz meu coração acelera.

“Por favor, fala logo o nosso castigo. Pegue pesado com o Guga, por favor, por favor, ele merece”, eu imploro nos meus pensamentos.

Enquanto o senhor Felipe fala, penso nos tipos de castigo que posso ter. Talvez limpar a sala todos os dias no fim da aula, amparar a grama da quadra de futebol atrás da escola. Tem muitos tipos de castigo que o senhor Felipe faz quase diariamente.

Algo passa por minha mente. Cruzo os dedos imediatamente.

“Por favor, por favor, Deus não deixe o Guga ficar do meu lado nos

castigos. Eu sei muito bem que os castigos serão piores.”

Paro de pensar, pois não quero sofrer antes do tempo. Volto a ouvir o que o diretor fala.

– Então como disse no começo da nossa conversa, serei bonzinho com os três hoje. Mas se isso repetir, eu não serei, vocês me ouviram?

Olho para ele, e tento confirmar com a cabeça.

– Agora deem as mãos, e saiam daqui como amigos!

Minha boca se abre. Meus olhos vão do diretor para os rostos dos dois que estão sentados perto de mim.

Olho para Ana que também está com a boca aberta. Percebo seus punhos se fecharem. Ela se levanta. Não consigo ver a reação de Guga. Ele é o segundo a se levantar. Seus olhos não revelam nada, talvez dor.

Guga estende a mão para Ana. Percebo que ela reluta, então, ela volta a olhar para o diretor e estende a mão para segurar rapidamente a de Guga.

Levanto e Ana move sua mão em minha direção, eu a seguro. Sinto minhas mãos suadas. Ficamos segurando a mão um do outro por uns segundos. Eu me lembro de soltar a mão macia dela. Guga se movimenta para frente e estende sua mão grande para mim. Não demora um segundo e ele imediatamente solta. Percebo a cara de nojo que ele faz.

– Agora podem ir.

Olho para o diretor, e noto um sorriso no rosto dele.

Fico com muita raiva. Observo Ana se mover e Guga abrir a porta.

Eu a sigo.

O corredor está silencioso. As aulas já haviam começado. Ana caminha um pouco atrás de mim, enquanto Guga anda apressado na frente. Aposto que ele está com medo do chute de Ana. Tento não rir outra vez.

Em menos de um minuto chegamos à porta da sala, e todos olham para a gente. Guga é o primeiro a entrar, tenho certeza que ele deve estar sorrindo. Ana e eu permanecemos um ao lado do outro.

– Podem se sentarem nos seus lugares – a professora Tereza que é uma mulher não muito alta e magra com pele enrugada, diz assim que dou uma breve olhadela em Ana.

Começo a andar de cabeça baixa, e permaneço assim até sentar no meu lugar.

– Continuando, eu gostaria que vocês me dissessem dois exemplos de

concordância verbal. – A professora Tereza diz, tentando dissipar o silêncio assim que sentamos.

Não me mexo por uns minutos, enquanto ouço alguns alunos opinarem sobre os sujeitos compostos.

A aula parece andar lentamente, continuo sem fazer muito movimento, não quero mais chamar atenção. Só me movimento na carteira assim que a sinal do fim da aula toca. Fecho meu caderno assim que acabo de copiar a lição de casa que a professora Tereza passou. Fico no meu lugar, sem fazer movimentos bruscos, aguardando o próximo professor entrar pela porta.

– Ei, Nicolas?

Levo um susto. Meu coração acelera em um ritmo frenético pior do que da última vez. Aquela voz, a voz, chamou meu nome?

Movo minha cabeça para ter certeza do que ouvi. Sinto meu corpo tremer. Ana olha para mim, eu olho para ela.

Desvio meu olhar para o chão.

“O que está acontecendo?” Pergunto a mim mesmo sem encontrar uma resposta.

– Você, bem, gostaria de ir à festa que meus pais estão organizando para comemorar meu aniversário na quinta?

Não posso acreditar no que ela me perguntou. Parece uma alucinação. Não consigo raciocinar.

– Você... – falo, mas minha voz some.

Ela sorri. Não um sorriso zombeteiro, mas um sorriso gentil.

– Estou te convidando, você gostaria de ir? – ela pergunta.

Minha mente trava.

– Cla... claro. – respondo. Minha voz, eu, o que estava acontecendo? Eu, eu...

– Certo. Você poderia passar seu número para eu conversar com você a respeito do horário da festa?

Olho para ela atônito. Não consigo dizer ou pensar em nada. Só abro meu caderno que está na minha frente, arranco uma folha e anoto com as mãos trêmulas o número do meu celular.

– Obrigada. – ela agradece quando entrego o papel um pouco úmido por causa das minhas mãos que suam bastante.

Ana não diz mais nada, apenas sorri por um longo segundo e olha para

frente. O professor Marcos, que ensina geografia entra na sala.

* * *

Depois de cinco aulas, três deveres de casa e um trabalho para ser apresentado na frente de toda classe na próxima semana, meu nervosismo e meus pensamentos estão num nível que nunca chegou antes. Sem contar os olhares dos meus colegas e alunos de outras turmas que falavam entre si quando eu passava mais cedo para ir ao refeitório lanchar. Eu pensei que era o assunto do momento da escola, até que ouvi por um segundo o que eles tanto falavam. Basicamente estavam zombando, chamando Ana de salvadora do maluco da escola.

É muito ruim o que eu ouvi, eu deveria estar bastante pra baixo, mas estou estranhamente feliz.

Enquanto ajeito a mochila, controlo minha tentação de não olhar para Ana. Fecho a mochila rapidamente, e por uma fração de segundos, olho em minha volta. Guga e seus amigos não estão mais na sala. Levanto, e sem dizer nada, passo pela carteira de Ana, e assim que faço isso ela me chama.

– Nicolas?!

Como é bom ouvir alguém chamando meu nome. Eu me viro, um sorriso quer sair. Consigo controlar minha boca.

– Você pode me esperar? Estou acabando de copiar a lição de casa.

Eu não sei o que dizer. Ana continua olhando para mim, esperando uma resposta.

-Tu... Tudo bem.

“Droga! Como não gostaria de ser tímido”

Ana sorri e volta a escrever no caderno de capa roxa com flores. Não demora menos de cinco minutos até que ela coloca os materiais no bolso maior da mochila, fecha o zíper e se levanta.

– Vamos! – diz ela.

Meu corpo treme, não consigo olhar para Ana. Andamos afastados um do outro por uns vinte centímetros. Não acredito que uma garota está andando ao meu lado no corredor da escola. Ainda não entendo o que está acontecendo com o meu dia. Será que é dia nacional de ajudar um garoto com problemas?

Essa ideia me faz sorrir. Ana me olha. Meu rosto cora, e paro de sorrir imediatamente. Concentro nos meus passos.

– Por que você está sorrindo? – pergunta ela que também sorri.

Dou de ombros. Não sei por que fiz isso. Mas ela entende, pois não insiste.

Chegamos aos portões em menos de dois minutos. Esperamos em silêncio em meio à movimentação de outros alunos, o ônibus que logo chegará. Sinto os olhares da escola toda se cravando nas nossas costas. Não há sinal algum de Guga, apenas um ou dois amigos dele um pouco afastados do ponto que esperam também o ônibus. Creio que eles estão com medo de Ana.

Não demora muito quando Tady surge, estacionando o ônibus na nossa frente. Ele é umas das únicas pessoas que eu gosto muito, depois da vovó e da mamãe. Tady sempre me faz rir, mesmo quando eu me encontro em dias muito ruins.

– Olá garoto azul, e garota bonita. – diz ele num tom engraçado, quando Ana e eu subimos os primeiros degraus.

Tady sempre me chama de garoto azul quando para em frente à minha casa para me levar para a escola ou quando me busca. Ele começou a me chamar assim desde que comecei a estudar no oitavo ano. Demorei a entender o porquê do apelido, mas depois entendi. Todos os dias, eu usava uma ou duas peças de roupa azuis num tom não muito escuro. Tady foi o único que notou. Depois sempre que me via, lá vinha ele me chamando desse apelido legal, pois eu gosto muito da cor azul, não muito quanto agora, mas gosto.

Solto um sorriso largo para ele, e vou procurar um lugar longe de todo mundo. Sento quase ao fundo ao lado da janela e não acredito, Ana se senta do meu lado.

Ana não fala nada, apenas ajeita a mochila em baixo do banco e olha para trás.

– Ei Nicolas, os amigos do Guga estão lá no fundo. Acho que eles estão com medo da gente. – diz ela, e começa a rir.

Alguns alunos que já estão no ônibus, olham para ver os risos contagiantes de Ana. Ela olha para mim, e começa a rir mais alto, e aí percebo algo. O riso contagiante e alto que entoa no ônibus é o meu.

Não entendo muito porque estou rindo, mas sinto uma sensação boa, muito boa. Quero dizer a Ana que eles estavam com medo dela, e não de mim. Mas esse pensamento fez com que eu ficasse muito contente.

Pela primeira vez não me importo com as pessoas me olhando. Ana coloca a mão no meu ombro. E todos que eu consigo ver, estão falando entre si com as mãos cobrindo a boca para que eu não possa ler os seus lábios. Com

certeza estão falando que eu sou doido ou algo do tipo, mas não ligo, já estou acostumado com isso. Eu só não quero que esse momento acabe.

Os meus risos e o de Ana só diminuem quando Tady dá partida. Ana tira a mão do meu ombro, e respira fundo. Faço o mesmo.

No trajeto até os bairros próximos às nossas casas, nós não conversamos. Apenas observamos pela janela o sol forte do meio-dia, iluminar os carros estacionados sobre o gramado verde em frente às casas. Penso nos acontecimentos de um dia atrás, mas bloqueio meus pensamentos.

“Pensamentos tristes agora não”.

Quero que esses minutos ao lado de Ana não acabem. Depois de seis paradas, Tady diminui outra vez a velocidade do ônibus. Percebo que Ana chegou ao seu destino.

Ela se levanta e olha para mim.

– Mais tarde eu vou ligar para você. Até mais! – diz ela.

Concordo com a cabeça e tento sorrir para ela. Ana anda pelo corredor e desce.

Eu me preparo para descer em seguida. Enquanto Tady para em frente à minha casa um minuto depois, eu penso no Nicolas que venceu por um momento a timidez uns segundos atrás. Do garoto que nunca sorriu tão livremente. Esse dia realmente é o melhor de todos da minha existência, eu não me importo dos olhares dos garotos e garotas quando me levanto para sair, não me importo do que me espera em casa, se a tristeza está lá, me esperando no *hall* de entrada para me colocar para baixo novamente.

Tenho certeza que nada deste dia tirará essa alegria de dentro de mim.

– Até mais, garoto azul. – diz Tady, quando piso na calçada.

– Até. – respondo mesmo de costas, mas tenho certeza que Tady ouve, pois ouço sua risada contagiosa e engraçada.

Caminho até a porta de madeira com detalhes de vidro da casa ampla, que tem aparência como de todas as casas ao redor do bairro, tirando a cor pintada de azul turquesa, que parece trazer um ar de leveza.

Escolhi a cor quando tinha oito anos, que foi a época que mudamos para esta casa. Meu pai tinha ganhado um caso importante, e minha mãe queria mudar para um novo bairro, e então começaram a providenciar a nova residência, e uma semana antes de nos mudarmos minha mãe me deu a notícia, não lidei muito com a nova realidade, porque não sou muito bom em

transformações repentinas.

Minha mãe notou que eu não estava animado, então ela pediu para que eu escolhesse a cor da casa. E até hoje meus pais pintam a casa com a mesma cor de sempre.

Isso me faz sorrir. Pego a chave que carrego sempre no meu bolso de trás da calça e destranco a porta.

A casa está silenciosa. Meu pai e nem minha mãe não chegaram ainda.

Tiro do meu bolso o meu celular e percebo que ele está descarregado. Corro pelo corredor, e entro no meu quarto a procura do carregador. No meio da bagunça que meu quarto se encontra, o vejo embaixo da minha cama.

Coloco para carregar e ligo. Há sete chamadas perdidas da minha mãe.

Antes que pudesse tocar na agenda telefônica, ela me liga.

– Oi mãe!

– Por que você não me atendeu? – sua voz está um pouco alterada pelo nervosismo.

– O celular estava descarregado.

– Hum, certo. Não chegarei a tempo, Nicolas. O seu pai está em uma reunião e não chegará para almoçar com você. A comida está na geladeira numas vasilhas verde e laranja, certo?

– Tudo bem, mãe.

– Esse é meu garoto responsável. Preciso ir, te amo. – ouço ela estalar os lábios como se tivesse me mandando um beijo.

– Certo. Também te amo. – respondo, mas percebo que ela desligou.

Troco de roupa e vou para a cozinha com a barriga roncando. Preparo o meu almoço no micro-ondas e vou comer em frente a TV. Minha mãe não gosta que eu coma na sala, mas como ela não está em casa, hoje é uma exceção.

Assisto alguns desenhos, mas não presto atenção no que passa. Toda vez que tento me concentrar, as cenas daquela manhã vêm em minha mente. Como quero voltar a umas horas atrás e fazer muitas coisas diferentes. Como deixar minha timidez, e dizer a Ana que foi muito legal ela ter me convidado, contar coisas que estão acontecendo comigo, como meu escape para amenizar a minha dor. Mas eu sou um garoto extremamente medroso, e isso acaba comigo.

Desligo a TV. Levo meu prato até a pia limpa da cozinha e vou para meu

quarto.

Pego entre minhas cuecas na gaveta o meu caderno azul, e anoto lá:

6 DE SETEMBRO - MUITOS MOMENTOS BONS

ANA (MINHA COLEGA DE TURMA) ME SALVOU DAS ATROCIDADES DE GUGA E DE SEUS COMPANHEIROS. ELA ME CONVIDOU PARA FESTA DE ANIVERSÁRIO DELA. ELA DISSE QUE ME LIGARIA HOJE À TARDE.

Termino de registrar, Olho para o que escrevi e sinto o silêncio. O som do vento de inverno bate em minha janela, e isso me assusta. Olho para o meu celular que está carregando em cima da minha escrivaninha e penso em ouvir uma canção, só para passar apreensão que sinto em esperar a ligação de Ana.

Escolho uma canção não muito triste para aquele momento.

O som rítmico de baterias e eletrônicos eclodem pelo meu quarto, aumento o volume no máximo.

A voz bonita de uma mulher surge, fecho os olhos mesmo em pé, para sentir cada palavra que ela quer falar para mim por meio daquela composição. Eu amo música, sou bastante eclético, gosto de ouvir determinado gênero de música a partir do meu humor. Como por exemplo, hoje: Estou muito contente e, ao mesmo tempo, nervoso em esperar uma garota ligar para mim. Então quero ouvir uma canção *indie* misturado com rock.

Quando a última nota é tocada, eu abro meus olhos e me sinto leve. Ainda posso sentir um arrepio bom passando por meu corpo por causa da letra. Ela fala muito comigo.

Deixo que outras músicas toquem e eu aproveito para arrumar o meu quarto.

Assim que acabo de colocar as últimas peças de roupa no guarda roupa, o meu telefone toca. O primeiro nome aparece em minha cabeça antes de me mover para pegar o celular.

Quando toco, acerto de imediato o nome que eu pensei. Ana está me ligando. Como eu sei? Só tem três números telefônicos no meu celular. Um era do meu pai, outro da minha mãe e outro da minha avó. Nunca, jamais alguém desconhecido havia me ligado. Tenho cem por cento de certeza que é ela.

Meu corpo começa a tremer e um suor frio surge. Minha mão já está novamente suada, quando eu imediatamente atendo. Um silêncio profundo ecoa entre o vazio de um lado para o outro da ligação.

– Olá Nicolas, sou eu, Ana. – a voz extrovertida surge.

Minha voz some por uns segundos. Droga!

“Fala alguma coisa Nicolas, ela está esperando”

– Oi. – é a única coisa que consigo dizer.

– Te liguei para te dizer o horário da festa. Como meu aniversário é amanhã, meus pais decidiram fazer a festa na quinta que vai ser feriado. – ela para, e a ouço soltar um riso. – acho que eu já te disse isso.

Estou mudo.

– Certo, então a comemoração vai ser às quatro da tarde. Eu vou te passar o endereço. Tem como você anotar?

Quero dizer que sei onde ela mora, mas não consigo. Olho para o teto antes de tentar responder à pergunta dela.

– Sim. – minha voz sai baixa demais.

– Hum, acho que isso foi um sim. – diz ela com um tom divertido.

Passo o meu celular para a mão esquerda que está totalmente molhado, e seco a outra mão na calça moletom que estou vestido. Pego um papel rabiscado que está perto de uns livros na escrivaninha e uma caneta no porta lápis, e espero ela falar.

Assim que Ana me passar o endereço, espero novamente.

– Ok! Então é só isso. Espero ver você lá, certo?

– C...certo.

– Até amanhã na escola. Ah, guarda um lugar para mim do seu lado lá no ônibus. Tchau, Nicolas.

Tiro o celular do ouvido por um segundo e noto que Ana ainda não tinha desligado. Ela deve estar esperando eu falar alguma coisa.

– Tchau. – digo, e então ela desliga.

Respiro fundo e sento na cama. A voz doce de Ana ecoa por meus ouvidos. Posso sentir seu cheiro que parece com centenas de flores de um grande jardim passando pelo meu quarto, porém o medo começa a me envolver. Penso no convite.

Como um garoto como eu iria para uma festa, ainda mais de uma garota tão popular como Ana? Já faz anos que ninguém me convida para festas, a última

vez foi no aniversário de Fernandinho, um colega que estudou comigo no terceiro ano.

Fico pensando nos motivos para não ir, mas penso em como Ana ficará se eu não aparecer. Será que ela se importaria? Ou será que ela só está me convidando por convidar. Talvez por ter pena de mim. Fico confuso, não tenho certeza, mas Ana me salvou de umas das maldades de Guga, e acho que uma pessoa só ajuda a outra quando não tem interesses ruins envolvidos.

Um sentimento, uma voz na minha mente, me diz para sair de casa e enfrentar o medo do desconhecido. Mas o medo é maior do que eu. O meu lugar é dentro do meu quarto, minha caverna. A vontade cresce e diminui, e a ideia de não ir permanece.

Enquanto luto contra minhas decisões, ouço o barulho de um carro parando em frente à minha casa. Com certeza era o carro vermelho vinho do meu pai, estacionando em frente. Espero ele entrar e me chamar. Mas ele adentra e bate a porta, e não me chama como sempre. Aposto o que quiser que ele está indo direto para o computador, um comportamento que estou começando a odiar.

(Ana)

Desligo o telefone, e observo o número de Nicolas. É a primeira vez que ligo e que peço para um garoto guardar um lugar para mim no ônibus da escola. Não sei por que fiz isso.

Nicolas virá para minha festa, ele parece um garoto muito legal, mesmo sendo muito tímido. Ele não se parece nada com o que os outros da escola falam.

Deito na minha cama de solteiro que terminei de colocar um novo lençol lilás com listras, e começo a refletir finalmente sobre o meu turbulento dia. Deixo as perguntas que tanto me atormentaram desde que eu cheguei em casa invadirem minha mente.

O que irá acontecer na escola de hoje em diante? *Flashbacks* começam a surgir sobre o que aconteceu mais cedo no ônibus quando voltava da escola. Da risada contagiante de Nicolas, que me fez rir junto com ele. Faz tempo, muito tempo mesmo, que eu não dava tantas gargalhadas com alguém. Nicolas é diferente, mas não sei explicar o porquê.

Penso nas minhas amigadas. Assim que cheguei, a primeira coisa que fiz foi acessar o meu Facebook. Notei que Clara e eu não somos mais amigas por lá, literalmente. Nossas fotos desde que nos tornamos amigas, frases que ela publicava no meu mural, foram apagadas juntas com as lembranças de nossa amizade. Senti raiva quando vi, mas agora não me importo, talvez um pouco. Sei que ela é uma garota má, e eu sou idiota! Eu estava me tornando uma garota como ela, uma garota sem coração, que só tem aparência.

Estou me esvaziando novamente, e isso não é nada bom. As lágrimas frias querem sair. Não me lembro há quanto tempo chorei pela última vez. Minha mãe me chama de garota durona desde pequena, pois eu não chorava com picadas de agulha quando ia tomar alguma vacina ou quando levava um tombo feio e me machucava. Mas não era isso. Eu tinha me acostumado tanto em conviver com a dor, que não conseguia sentir mais nada.

Levanto e saio do meu quarto com os pés descalços. Lá fora está frio, as nuvens acinzentadas carregadas de chuva tinham tomado a cidade. Mesmo sentindo um pouco de frio, aqui dentro de casa está quentinho. Desço as escadas, o piso de madeira está gelado, mas não me incomoda. Caminho até a sala onde está minha mãe que tricota toda a tarde ouvindo músicas antigas

(anos noventa para ser mais clara) na pequena caixinha de som dela. Tentei presentear-lá com um *ipod* no natal passado, mas minha mãe não lida muito bem como essas novas tecnologias.

– Mãe? – eu a chamo assim que me aproximo da poltrona marrom que está um pouco desgastada pelo tempo.

Sentada, usando pequenos óculos, ela desvia o olhar do tricô que está estirado no seu colo e olha para mim.

Minha mãe solta um largo sorriso.

– O que aconteceu?

Minha mãe realmente me conhece. Sabe, ela tem um super radar que detecta algo errado só de me olhar.

– Hoje a senhora me perguntou assim que cheguei da escola se estava tudo bem, e...

– Eu sei que você mentiu. – Ela me interrompe. – Estava esperando você me contar.

Faço beicinho.

– Desculpa. – digo.

Ela contrai as sobrancelhas por um segundo e solta um sorrisinho.

Sento no braço da poltrona ao lado dela, e conto o que aconteceu na escola. Se fossem uns anos atrás, eu nunca sentaria ao lado da minha mãe para ter uma conversa como aquela. Eu não era muito de conversar. Hoje é fácil sentar e dizer o que penso para ela, e isso é muito importante para mim.

Minha mãe me ouve até o fim. Ela coloca seu tricô de lado e me olha com seus olhos cheios de amor.

Ela me abraça.

– Filha, eu me orgulho muito do que você fez hoje. Sei que é difícil para você deixar suas amizades e ajudar alguém que todos parecem desprezar.

Meus olhos começam a lacrimejar.

– Obrigado mãe, eu também convidei Nicolas para minha festa. Parece que ele não tem amigos, aí eu o convidei.

Minha mãe me solta e segura minha mão. Algumas lágrimas descem pelo meu rosto.

– Quando ele vier, faça com que se sinta à vontade. – ela diz, limpando com os dedos as lágrimas que escorrem.

– Pode deixar.

Levanto. Minha mãe continua segurando minha mão. Olho para seus olhos

verdes claros e observo as rugas surgirem pelo seu rosto bondoso. Como eu amo minha mãe, se pudesse nunca sairia de perto dela.

Com a outra mão, minha mãe começa afaga o meu rosto.

– Você é uma menina de um coração imenso. Não ligue com que as crianças de sua escola vão pensar de você, e não se esqueça que são corações como o seu que transformam esse mundo.

Eu beijo a sua testa. Começo a refletir sobre o que ela me disse. Subo os degraus da escada de volta para meu quarto, e sinto as dúvidas e medos indo embora. Como minha mãe falou, eu não devo me importar com que Clara ou quem mais irá pensar de mim. Só ajudei alguém que precisava.

Entro no quarto, encosto a porta e me jogo na cama. Olho para o teto branco forrado de gesso e respiro fundo. Penso em Nicolas. Fecho os olhos, e começo a me preparar mentalmente para o amanhã.

DIA TRÊS

(Nicolas)

07 DE SETEMBRO - MOMENTO BOM

Uma garota ligou para mim ontem. Uma garota. A ficha parece que ainda não caiu.

O dia de hoje passou muito rápido.

Guardei o lugar de Ana ao meu lado no ônibus como ela tinha pedido quando ligou para mim ontem à tarde. Todos os alunos que estavam sentados não paravam de olhar para nós dois. Foi bastante estranho. Ana e eu trocamos um “oi”, e depois não conversamos mais. Ela também se sentou ao meu lado na sala de aula. Guga que sempre mexe comigo no começo de cada aula, não fez nada. Eu deveria ter tirado a foto da cara feia dele quando me viu chegar. Com certeza ele estava com muita raiva. Eu sei, tenho que agradecer muito a Ana por me ajudar, mas não entendo ainda as intenções dela, do porquê de agir daquela forma comigo. Se eu conseguisse pelo menos conversar com ela.

Ah, depois de todas as aulas terminarem, Ana quis outra vez minha confirmação em sua festa. Odeio mentir, mas tive que dizer sim, pois como descobri naquele momento, quando estou na presença dela eu não consigo falar ou pensar em nada.

HOJE

ANA 12:45 PM

Olá Rafa, tudo bem?!

Sdds

RAFA 12:47 PM

Oiii Ana. Sdds <3

Estou bem e vc?

ANA 12:47 PM

<3

Mais ou menos. Desculpa te chamar agora

Faz um tempo q n conversamos.

RAFA 12:48 PM

Sem problemas, a escola está uma correria para nós duas não é?

rsrs

O q aconteceu?

ANA 12:49 PM

Sim, uma correria

Sinto falta dos velhos tempos
Que pena q vc não estará no meu aniversário amanhã:(
RAFA 12:50 PM
Que pena mesmo, estou sem conversar com meus pais
É injusto eles não me deixarem ir :(
ANA 12:50 PM
Teremos outra oportunidade
Quero desabafar :(
RAFA 12:51 PM
O que está acontecendo Ana????
Aqueles problemas voltaram de novo??
ANA 12:52 PM
Não, é na escola
RAFA 12:52 PM
Pode me contar, ainda somos amigas, mesmo
com toda essa distância :(
ANA 12:52 PM
Somos sim :(
Vc se lembra da Clara, n é?
RAFA 12:53 PM
Sim
ANA 12:54 PM
N somos mais amigas
Eu sou uma idiota, Rafa
RAFA 12:55 PM
Não fale assim
Sou sua amiga, então n vou mentir pra vc
Eu não gostei quando vc se tornou amiga dela
Vc mudou muito
ANA 12:57 PM
Mudei mesmo, mas se eu pudesse voltar no tempo
Hj na escola, não sei como, mas Clara fez com que
ninguém conversasse comigo
RAFA 12:57 PM
Droga
Eu não conheço essa menina mais já a odeio muito
Porque ela fez isso com vc??
ANA 12:59 PM
Estou com muita raiva dela
Só porque eu ajudei um garoto que estava sofrendo bullying
RAFA 13:00 PM
Sério?????
ANA 13:00 PM
Sim. O garoto é muito legal, não sei por que
fazem isso com ele
Eu o convidei para a festa amanhã
RAFA 13:01 PM
Vc agiu certo Ana
Pensei que vc tinha se tornando
uma dessas garotas mesquinhas

Ainda bem q vc é a mesma

Ah, esse garoto q vc ajudou é bonito??

ANA 13:02 PM

Sou eu ainda, graças a Deus

rsrs

É uma pena q vc não virá. Tenho certeza q nenhuns dos meus colegas da escola virão

RAFA 13:03 PM

É melhor assim

Mas nos veremos nas férias, se vc não vier aqui eu vou até aí. Carol, Pedro e Mateus disseram q iriam com a turma amanhã cedo

Você não respondeu minha pergunta, Aninha.

ANA 13:04 PM

Eles me confirmaram hoje cedo

Sim, o acho bonitinho

RAFA 13:05 PM

É isso aí garota

Quero conhecer ele, ok???

ANA 13:06 PM

Ok

Mas ele não é meu namorado

RAFA 13:06 PM

kkkk

Não disse nada

ANA 13:07 PM

rsrs

Obrigado, Rafa

Desculpa novamente pelo sumiço.

RAFA 13:07 PM

Q nada. Estou aqui Aninha, vou te enviar o presente que comprei para vc pelo correio

Mais tarde te chamo para te dá os parabéns

ANA 13:08 PM

Não precisava comprar presente rsrs

RAFA 13:08 PM

Precisava sim <3

ANA 13:08 PM

Obrigada, até mais tarde <3 :)

RAFA 13:08 PM

D nada :)

Ateeee <3<3

DIA QUATRO

(Nicolas)

Manhã de quinta.

Decidi não ir à festa da Ana. Sei que sou medroso, tímido ou o que mais você quiser me chamar, mas eu perdi realmente a coragem de enfrentar os olhares dos convidados dela, mesmo prevendo quem estaria lá.

Tomei essa decisão por um único motivo: eu não me encaixo mais em lugares assim. Meu quarto é o meu lugar. Só vou à escola por obrigação, sei que é errado, mas toda vez que chega as férias eu fico muito feliz, por saber que não verei Guga ou qualquer um que pratica o maldito *bullying* em mim.

Agora, só falta menos de sete horas para o aniversário de Ana começar. Estou ansioso e com medo das reações dela amanhã no ônibus. Começo a pensar em algumas situações para não ir à escola, uma delas é fingir uma dor de barriga ou algo do tipo, mas como tenho uma mãe enfermeira, dificilmente não conseguirei fingir uma doença.

Aguardo o início da tarde dentro do meu quarto. Meu pai está tirando um cochilo no sofá da sala, e minha mãe está lendo algum livro no seu quarto, pois como ela está de folga, sempre tira o atraso dos livros que não consegue ler no meio de semana.

Cada vez que os ponteiros do meu relógio de cabeceira se movem, eu fico ansioso e por um segundo crio coragem para me arrumar e ir à casa de Ana. Mas meus pensamentos estão travando lutas comigo.

Quando o relógio marca quatro horas, solto um longo suspiro.

– Pronto Nicolas, você não precisa ir. – falo comigo mesmo, olhando o relógio preto feito de material sintético no meu pulso.

Deito na cama. Quero muito ouvir uma canção que fale comigo, algo que me ajude a acabar com o sentimento desconhecido que está surgindo.

Levanto para pegar o celular na cômoda ao lado dos perfumes e de uma miniatura de carro maneiro que meu pai me deu quando tinha sete anos. Antes de me mover, ouço a campainha tocando.

Com o silêncio pelos cômodos, ouço uma batida, e alguém, com certeza meu pai, abre a porta. Não consigo ouvi o que ele diz.

– Nicolas! – meu pai grita meu nome em alto e bom som.

Meu coração gela. Quem será? Será que era o diretor Felipe para falar da advertência que levei na escola?

Fico tão nervoso, que deixo meu celular cair no chão.

Droga!

Pego o celular, coloco em cima da cama e abro a porta. Seguro a respiração e a solto devagar. Saio do quarto tentando parecer normal, que no meu caso é difícil fingir uma coisa que não sou. Quando chego à sala, dou de cara com um homem um pouco mais velho que meu pai, sua aparência era como a de Tady, uma fisionomia de uma pessoa que sempre vive sorrindo. Sinto um pouco de alívio.

– Olá Nicolas, sou o pai da Ana. Ela pediu para te buscar. – diz o homem, parado no batente da porta.

Engulo seco.

– Eu, eu, acho que não tem como eu ir. – digo atordoado.

Ele solta um sorriso amistoso. Parece com o sorriso de Ana.

– Ela pediu para insistir, disse que sua presença é uma honra na festinha dela.

Não sei o que dizer. Estou sem reação. Como Ana é insistente.

Uma voz dentro de mim surge, falando para ir.

– Vai lá rapaz! – diz meu pai, que parece mais surpreso do que eu. – vai se divertir.

Fico perplexo.

“Meu pai me encorajando?”

– Vai lá se arrumar. – diz ele sorrindo, bagunçando meu cabelo.

Não falo nada, estou zozinho com o que está acontecendo. Dou meia volta e caminho em passos largos até meu quarto. Antes de entrar, minha mãe surge no início do corredor com um livro na mão.

– Você foi convidado para um aniversário, filho? – pergunta ela, mesmo sabendo a resposta. – Você comprou um presente para a sua coleguinha?

Eu tinha esquecido.

– Não, eu não estava querendo ir, e acabei não comprando. – falo num tom que minha mãe compreenda.

– Não tem problemas, diga a ela que na próxima vez que vê-la você entregará o presente. Vai tomar banho enquanto eu separo sua roupa.

Dou um sorriso nervoso para ela, e caminho para o banheiro. Minha mãe, meu pai sendo legais. Nossa, que encenação! Eles poderiam ser sempre assim.

Quando acabo de tomar banho, uns cinco minutos depois, caminho apressado com o nervosismo ao extremo. Não consigo respirar. Abro a porta do meu quarto e a tranco. Tento me concentrar, e o ar parece preencher meus pulmões. Não sei o que estou fazendo, apenas visto a camisa listrada verde que não gosto muito e uma calça jeans preta que minha mãe separou em cima da cama.

Em menos de vinte minutos apareço na sala, com a cabeça girando confusa. Vejo meus pais abraçados como um casal normal conversando com o pai de Ana. Percebo que eles se conhecem.

– Se divirta! – diz minha mãe quando me aproximo, fazendo algo em seguida, que há muito tempo ela não fazia. Ela dá um beijo na minha testa.

Meu pai sorri. Não consigo olhar nos olhos dele. O pai de Ana se despede, prometendo que iria me trazer de volta, e o sigo até o carro dele que está estacionado atrás do carro da minha mãe em frente à garagem.

Nós entramos e sento no banco do passageiro que é bastante confortável. Coloco o sinto de segurança, e o pai de Ana dá a partida. A partir dali minha ficha cai.

Estou indo para a festa.

– Você mora há muito tempo na cidade, Nicolas? – o pai de Ana tenta puxar assunto em meio ao silêncio, com o mesmo tom amistoso assim que vira a esquina.

– Sim. – respondo um pouco alto, por causa do nervosismo. Quero dizer para ele que eu moro desde que nasci, mas fico quieto.

Ele sorri e me olha rapidamente, voltando a olhar para frente.

Não demora muito até ele virar outra esquina que ia direto para o quarteirão onde está acontecendo a festa. Vejo, mesmo de longe, alguns garotos e garotas chegando. Todos estão com presentes nas mãos. Eu me sinto muito mal, por que não pensei no presente antes.

Quando o pai de Ana estaciona, fico pensando na desculpa que darei a ela. Quando o motor do *Corolla* para, seco minhas mãos suadas na calça jeans escura e abro a porta.

Olho para o céu com algumas nuvens carregadas que cobrem o azul claro

assim que saio do carro. O clima está um pouco quente, mesmo que a chuva tenha caído ontem à tarde. O suor que surge vem do nervosismo que cresce dentro de mim. Minha barriga começa a doer. Não a dor que significa vontade de ir ao banheiro, mas a que surge toda vez que eu fico extremamente ansioso.

Sigo o pai de Ana até a entrada e imediatamente a vejo. Ela está linda, com um vestido rosa escuro de manga longa e os cabelos trançados. Ela olha para mim, e desvio meus olhos para o chão.

– Olá, Nicolas. – Ana diz animada.

Olho para ela e noto um enorme sorriso saindo de seus lábios brilhantes.

Ana caminha em minha direção. O pai dela dá uns tapinhas alegres nas minhas costas assim que ela se aproxima. Ele dá um beijo no meio da cabeça de Ana, antes de entrar.

– Eu esqueci seu presente. – digo nervoso, antes de dar os parabéns a ela. – Quando, a gente se ver, outra vez, te entrego. Feliz aniversário.

Ana sorri.

– Obrigada. O importante é a presença. – diz ela, piscando o olho.

Sem tempo para qualquer reação, Ana segura minha mão e me leva para dentro. Não sinto minhas pernas. A sala de estar está lotada de meninos e meninas que nunca tinha visto. Não consigo ver ninguém da escola.

Ana se vira para mim. Vejo alguns garotos me olhando, um olhar que já conheço. Desprezo.

– Logo vai ter bolo, Carlos. – diz Ana, para o garoto que está me encarando. Acho que ela percebeu os olhares. – Eu convidei meus colegas da minha antiga escola.

Ela aperta minha mão, e depois de um segundo começo a pensar. Minha cabeça para de girar. Ana não convidou ninguém da nossa escola. Mas por quê? De novo quero fazer perguntas a ela, mas não consigo.

Ana se vira e percebe minha cara confusa, quando não entendo o que está acontecendo.

– Tudo bem, nossos colegas são um saco! – ela pisca o olho para mim. – vou te mostrar o centro da festa, você quer vê? Você está com fome?

Não respondo. Eu estou mal, alguma coisa dentro de mim diz que nossos colegas não vieram por minha causa. Isso é obvio, não sou tolo. É aí que eu percebo uma coisa. Ana estava meio deslocada na escola na quarta. Era

estranho, ela parecia triste.

Isso me deixa pior do que já estou.

Ana me leva ao quintal todo gramado, reparo na piscina e nos outros convidados que estão se divertindo.

Percebo outros olhares rapidamente, mas desviam assim que Ana percebe, voltando a conversarem entre si.

– Olá querido, quer um cachorro quente? – pergunta uma senhora baixinha, com cabelo encaracolado loiro escuro como de Ana.

Tenho certeza que é a mãe dela.

Limpo a garganta antes de responder:

– Não, sem fome.

– Mais tarde ele come, mãe – diz Ana, com a mão ainda seguras na minha.

A mãe dela sorri, dando uma olhada rápida em nossas mãos unidas, antes de voltar a servir os outros convidados.

– Não é exagerado? – pergunta Ana, olhando para o bolo de dois andares no centro de uma enorme mesa decorada de guloseimas. – Todos os anos meus pais fazem um bolo grandioso. Já disse para eles que é exagero, mas eles não me ouvem.

Ela ri, e percebo que ela olha para mim. Não consigo desviar meus olhos dos dela. Será que Ana se sente triste por que nossos colegas não vieram para festa? Será que ela me culpa?

– Relaxe Nicolas. Prometo que ninguém aqui vai te fazer mal. – ela diz.

As palavras delas pairam em minha cabeça. Acho que Ana não me culpa se não, ela não teria insistido para eu estar aqui.

Tento sorrir para relaxar a minha mente, mas acho que Ana percebe e sorri de volta.

Uns trinta minutos se passam quando todos os convidados parecem ter chegado. Ana ainda segura minha mão, soltando às vezes, para pegar os presentes que os convidados entregavam. Ela parece gostar de segurar minha mão. Não entendo o motivo, mas gosto, mesmo estando cansado fisicamente de tanto caminhar.

Ana me leva para conversar com alguns garotos e garotas, e alguns amigos dela que tinham vindo de outra cidade só para o aniversário dela. Todos fingem ser simpáticos comigo, e acho que Ana percebe isso, pois rapidamente inventa algo para me tirar do meio daquele pessoal.

Enquanto eu e Ana caminhamos, ouvimos o som da campainha sendo tocada.

– Filha?! – a mãe de Ana a chama, alguns metros de onde estamos. – Deve ser mais um convidado, eu estou meio ocupada aqui. Seu pai foi buscar mais refrigerante na cozinha.

Ana sorri, e andamos em direção à porta, passamos por alguns grupinhos que conversam, mas que imediatamente param quando nós nos aproximamos. Ana solta minha mão, e abre à porta.

Eu juro, quase tive um infarto. Não sei como é ter um, mas creio que deve ser a mesma sensação.

Guga e dois de seus capangas estão na soleira da porta, com sorrisos idiotas no rosto. Ana rapidamente tenta fechar a porta, mas Guga coloca sua enorme bota preta que ele sempre usa para dentro. Ana tenta usar suas forças mais não consegue. Não consigo me mexer.

– Só queremos entregar seu presente, Aninha. – diz ele, soltando um sorriso maldoso.

– Muito obrigada, mas vocês não foram convidados. – Ana fala, com um tom audacioso.

– Eu tenho que insistir! – Guga empurra a porta com um pouco de sua força brutal.

Ana e eu nos afastamos para trás.

– Saiam daqui ou vou chamar meus pais, seus otários! – Ana grita, e se coloca em minha frente.

Não consigo reagir.

– Não vamos demorar, Aninha, como eu disse, só vim entregar o seu presente.

Não sei quanto tempo demora. Ouço o pai de Ana dizer algo em voz alta. Vejo Ana sendo empurrada para o lado e Guga soltando um sorriso largo para mim quando abaixa minhas calças. Ele se afasta e fica me olhando, não olhando para meu rosto, mas para minhas pernas.

“As cicatrizes”.

Tudo está silencioso. Ana está de pé, mas parece que foi transformada em estátua pela Medusa. O sorriso de Guga some, e ouço o pai de Ana gritar mais uma vez. Guga e seus capangas saem correndo para fora.

– Tudo bem. – diz o pai de Ana que fica paralisado por um instante, antes

de subir minha calça.

– Nicolas?! – ouço Ana dizer meu nome.

Meu corpo queima e sem eu perceber meus pés estão correndo, saindo da sala, dos olhares, rumo ao caminho até minha casa.

Corro, corro cada vez mais. Não me importo com a dor que está me invadindo. A adrenalina se espalha dentro de mim toda vez que passo pelos vultos das casas do meu bairro.

Não demoro a alcançar minha casa. Abro a porta com tudo e entro. Só quando me vejo na sala de estar eu paro. Meus pulmões inflam a cada segundo junto com as golpeadas que meu coração dá contra o meu peito. Posso ouvir a pulsação por todo meu corpo trêmulo e estranho.

Só depois de um minuto, quando eu consigo controlar um pouco a minha respiração, percebo que a casa está aos gritos.

– Ele me viu outro dia. – grita meu pai. – sabe como eu me sinto, sabendo que meu filho me ver fazendo isso?

Minha mãe fala aos berros:

– Eu não suporto mais isso, Fred. Eu quero o divórcio! Chega!

Meus pés se movem, não tenho controle sobre meu corpo. Sigo o som da discussão. Minha mãe está sentada na beira da cama de casal, com os olhos transbordando de lágrimas. Meu pai se encontra no chão com as mãos na cabeça. Ele olha para minha mãe, antes de me notar parado em frente à porta do quarto.

– Nicolas! – diz ele, surpreso.

Minha mãe vira a cabeça para mim assim que meu pai diz meu nome, seus olhos se arregalam.

– Filho, você...

Ela não precisa terminar, sinto as lágrimas rolares por meu rosto. Tenho uma sensação que meu corpo está queimando por dentro. Sem querer mais olhar para aquela cena, corro para o meu quarto, entro e fecho a porta. Giro a chave e tranco.

Ouçó meu pai e minha mãe baterem na porta. Eles falam muitas coisas, mas não quero ouvir. Apenas choro.

Alguns minutos depois eles param de bater, cessando os pedidos para eu abrir e conversar com eles. Antes de perceber o silêncio, o meu celular começa a tocar no meu bolso. O som de violinos e guitarra ecoa pelo quarto.

Pego o celular para desligá-lo, penso na minha mãe tentando me ligar, mas vejo o nome de Ana que adicionei aos meus contatos no mesmo dia que ela me ligou.

Não sei, não penso, apenas atendo.

Ouçoo o silêncio, e depois um choro triste e melancólico. Ana está chorando.

– Eu estou realmente cansado desse mundo. – ouço as palavras saírem de forma súbita da minha boca. Não tenho mais medo de conversar com Ana. – Estou cansado de brigas, de pessoas ruins, de tudo que me cerca. Estou perdido no vazio, Ana.

– Nicolas... – A ouço dizer, mas desligo.

Fecho os olhos. Jogo meu celular com toda minha força sobre a cama, e penso no meu passado. Uma decisão passa por minha mente. Uma decisão que devia ter sido tomada três anos atrás.

(Ana)

Ele desligou.

Estou em choque, minhas lágrimas não param de descer pelo meu rosto. Meus pais me abraçam. A cena do que aconteceu há pouco na sala volta a passar várias vezes por minha mente. Nicolas, ele também, não! Por que não percebi?

Meu pai tentou alcançá-lo, mas não conseguiu. Eu tinha que ir atrás dele, antes que ele se cortasse ou...

Não consigo pensar.

– Pai me leva para casa do Nicolas. É vida ou morte!

Ele sabe o que eu estou dizendo, pois ele também viu as marcas nas pernas de Nicolas.

A sala onde estamos quinze minutos atrás estava cheia de gente, agora está vazia, cheios de copos abandonados. Todos os convidados foram embora, todos estavam chocados demais.

Não demora dois minutos, quando meu pai, minha mãe e eu entramos no carro, em direção a casa de Nicolas.

Meu pai estaciona em frente à casa azul turquesa, com um carro *Sport* branco parado em frente ao portão da garagem. Corro pelo gramado até a

porta e bato, não percebo que tem uma campainha. Não me importo se as batidas estão fortes ou não, se pudesse arrancaria essa porta e entraria à procura de Nicolas.

A porta se abre em poucos segundos, e um homem com olhos vermelhos, um pouco mais alto que meu pai e cabelos um pouco grisalhos, surge na minha frente.

– Eu posso falar com o Nicolas?

– Acho que não é uma boa hora. – diz ele, com um tom sério.

– Eu preciso vê-lo, por favor! – insisto.

Meus pais chegam e ficam ao meu lado. Meu pai coloca a mão no meu ombro, e continuo encarando o pai de Nicolas que parece uma escultura de cera.

– Boa noite, Fred. Preciso que vejamos seu filho. – diz meu pai, com um tom que nunca o ouvi usar antes.

– O que está acontecendo? – a mãe de Nicolas para ao lado do marido imóvel.

– Boa noite, Clara. – diz meu pai. – É o Nicolas, ele falou com minha filha e não sei, tem alguma coisa errada.

– Não entendo, Nicolas está bem. Ele...

– Bem? – a interrompo. – Seu filho está se automutilando e aposto que vocês não sabem disso. – percebo que estou gritando, mas não me importo. – Eu liguei para ele há pouco. Sei que Nicolas não está bem.

Os pais deles estão mudos quando termino. Sinto os olhares dos meus pais sobre mim.

– Por favor, me deixa vê-lo. Eu sei o que ele está passando – digo com mais calma. – Eu sei, por favor.

Os pais de Nicolas ainda estão mudos quando se afastam e permitem nossa entrada. Eles nos levam até o final de um corredor com alguns retratos pendurados na parede.

Os dois param em a uma porta pintada de branco e chamam pelo filho, só conseguimos ouvir o silêncio. Pensamentos ruins invadem minha mente.

– Filho abra, queremos te ajudar. – diz a mãe de Nicolas em lágrimas.

– Nicolas... – tento dizer, mas o meu pai me interrompe.

– Vamos quebrar a porta! – diz o pai de Nicolas para o meu.

Minha mãe me afasta. Os Dois se concentram e chutam com força a porta

que se abre violentamente, grossas fendas ao redor do trinco surgem.

O quarto está um pouco escuro. A mãe de Nicolas liga a luz, e Nicolas não está lá.

– A janela! – diz o meu pai.

Percebo que a janela está aberta e corro junto com os adultos para lá.

Já está escurecendo e não consigo ver direito, por causa dos olhos embaçados pelas lágrimas.

Ouçoo o pai de Nicolas gritar o nome do filho. Não ouvimos resposta.

– Ele fugiu.

– Ele não... – as palavras da mãe de Nicolas vão se perdendo, até ela desmaiar nos braços do marido que está ao seu lado.

Por um momento, ninguém sabe o que fazer. O senhor Romero desesperado carrega a senhora Clara nos braços para sala. Enquanto meus pais seguem os pais de Nicolas, enxugo as lágrimas que começam a escorrer com as palmas da mão e olho para quarto dele. Eu me agacho para olhar embaixo da cama. Ele não está lá, tenho uma sensação ruim quando me coloco de pé.

Saio do quarto e vou para sala. Não há nenhuma conversa até o senhor Romero falar.

– Tenho que procurar pelo Nicolas. Ele está desorientado. – sua voz vai ficando baixa até uma lágrima cair dos seus olhos. – Eu serei culpado se ele fizer uma besteira.

– Não pense nisso, Fred. – diz meu pai. – Vamos começar a procurá-lo. Nesses casos temos que correr contra o tempo.

Meu pai olha para mim e sorri. Ele sabe o que fazer, pois já tinha passado por isso antes.

Sorrio para ele. Vejo medo no rosto do meu pai.

Ninguém diz nada por um tempo. Fico observando o senhor Romero alisar com os dedos largos o cabelo da senhora Romero que continua desacordada no sofá acolchoado bege, enquanto minha mãe sente a pulsação dela. Ela já foi técnica em enfermagem há muitos anos, e ainda sabe um pouco dos procedimentos. Ela pede para o senhor Romero um pano úmido com álcool. Enquanto observo, posso perceber que Nicolas tem a mesma cor do cabelo da mãe dele, castanho escuro, mas a fisionomia, principalmente o rosto era muito igual ao do pai. Havia desespero nos olhos escuros, o mesmo

desespero que eu vi no olhar de Nicolas antes dele sair correndo da minha casa.

* * *

Deve ter se passado quase quatro minutos quando a senhora Romero despertou.

– Tome um copo d’água. – pediu o senhor Romero de joelhos ao lado dela, segurando um copo que ele tinha buscado na cozinha um minuto antes.

Ela bebe. Estou mal por ter dado a notícia sobre o que o filho dela estava passando.

– Temos que procurá-lo. – diz a senhora Romero quando bebe mais um pouco da água.

– Calma, vamos encontrá-lo. – o pai de Nicolas fala.

– Foi nossa culpa Fred, nossa culpa. – a senhora Romero começa um choro convulsivo.

– Não. – o senhor Romero coloca seus braços envolta do ombro dela, e os dois choram.

Cenas do meu passado invadem minha mente. Posso ver minha mãe chorando com meu pai no hospital, quando souberam do meu problema, deles me abraçando e dizendo várias vezes que sentiam muito.

– Vou dar uma volta pelos bairros à procura de Nicolas. Ele não deve ter ido muito longe. – diz meu pai, se aproximando dos Romero.

O senhor Romero se levanta.

– Eu vou com você.

– Eu irei também! – A senhora Romero se coloca de pé.

– Fique em casa e procure por algo que Nicolas tenha deixado como um papel avisando para onde ele iria. – pede meu pai. – nós ligaremos se o encontrarmos.

A senhora Romero não fala nada, mas deixa meu pai e o marido dela irem.

Minutos depois, assim que o barulho do carro some pelo quarteirão, a mãe de Nicolas se vira para mim e tenta sorrir.

– Você poderia contar o que aconteceu? – pergunta, com um olhar de súplica.

Confirmo com a cabeça e começo a contar. As imagens das pernas de Nicolas, dezenas de cicatrizes finas espalhadas pelas coxas do garoto azul. Lembro do apelido que Tady deu a ele, pois ouvi várias vezes ele o

chamando assim, mas não sei realmente o significado, mas percebi que Nicolas gostava.

Conto o que aconteceu na festa, todos os detalhes, os olhos da senhora Romero passam de choque, vergonha e muita tristeza.

– Sinto muito, Clara. – minha mãe fala, e a abraça.

Fico observando aquela cena, e sensações ruins começam a me envolver. Eu conheço muito bem aquela angústia, aquele sentimento. Não entendo como histórias podem ser revividas, como as dores tendem a voltar de outro ângulo. Sou a personagem assistindo sua cena gravada numa tela de cinema. Quero mudar aquilo, quero ir atrás de Nicolas e dizer que eu sinto um pouco da dor que ele está sentindo naquele momento, quero contar o que eu passei nos meus dias tenebrosos e de como eu superei, só para tentar ajudá-lo.

Depois que minha mãe disse palavras otimistas para a senhora Romero, nós três caminhamos ao quarto de Nicolas à procura de algo que ele talvez tivesse deixado tipo uma pista de onde estivesse ido. Mas me coloco no lugar dele, e tenho certeza que ele não deixara nada, porque se fosse eu, não gostaria que ninguém me achasse, e acho que Nicolas também não.

Como tinha pensado, não encontramos nada. A senhora Romero ainda chorava quando saímos do quarto. Minha mãe caminha em direção a cozinha junto com a senhora Romero para preparar um café, e eu sigo as duas, porque não quero ficar sozinha.

Quando minha mãe enche três xícaras de café quente, andamos até sala com as xícaras na mão. Assim que sentamos no sofá, ouço a senhora Romero contar mais alguns motivos que talvez tivessem levado Nicolas a fugir.

– Ele nos viu discutindo. Não sei o quanto ele ouviu, mas sabia que ele tinha ouvido o bastante. – a senhora Romero começa a soluçar. – Eu o vi chorando, e fui atrás dele. Se eu soubesse, tinha arrancado aquela porta e pediria perdão. Eu só queria que ele me contasse o que estava passando.

Ela continua falando, e acabo sabendo que o pai de Nicolas era viciado em pornografia há bastante tempo. A senhora Romero sabia que o filho dela tinha visto o pai vendo sacanagem no computador que acabo de notar a poucos metros a minha frente.

“Nojo”, a palavra ecoa na minha mente.

Penso no que Nicolas teve que passar, vendo discussões, sofrendo com os valentões da escola. Se eu tivesse algum poder, com certeza eu queria ter o

dom de ajudar e curar um coração triste e vazio.

* * *

Por volta das onze e meia da noite, o meu pai chegou com o senhor Romero.

Eles não tinham encontrado Nicolas. Eles procuraram em todos os bairros da redondeza e os mais distantes, mas não tinha achado ele. Perguntaram a algumas pessoas que andavam na rua, porém ninguém tinha visto um garoto de doze anos.

– Vamos continuar a procurá-lo. – diz o meu pai. – Só viemos para cá para pegar uns agasalhos e beber um café para estarmos bem atentos.

O senhor Romero passa por mim e sorri. Posso ver a tristeza profunda daquele homem que não tem controle sobre suas ações. Um homem falho como qualquer outro. Meu pai disse para mim uma vez que não tínhamos direito de julgar ninguém, pois não conhecíamos o coração da pessoa.

Os pais de Nicolas se abraçam no corredor e penso no que Nicolas acharia daquela cena. Talvez a dor dele amenizasse.

Quando meu pai e o senhor Romero saíram novamente para procurá-lo, a senhora Romero pede para que minha mãe e eu possamos dormir na casa dela. Minha mãe concorda na hora. Minha mãe pega emprestado o carro da senhora Romero para pegar algumas mudas de roupas em casa.

A senhora Romero e eu não conversamos quando minha mãe está ausente. Nós apenas voltamos para o quarto de Nicolas e vasculhamos mais uma vez. Não encontramos nada.

A campainha toca assim que saímos do quarto. A senhora Romero abre a porta, minha mãe entra e me entrega minha mochila com algumas peças de roupa e coisas de higiene pessoal.

Quando acabo de tomar banho, encontro minha mãe e a senhora Romero conversando no sofá da sala.

– Vamos pedir para que Deus proteja Nicolas, por onde ele estiver? – pergunta minha mãe a senhora Romero assim que sento no sofá da sala de estar.

Ela sorrir e agradece.

– Não sou muito religiosa, mas acredito que Deus está protegendo meu filhinho, mesmo que não entenda agora o porquê de Deus ter deixado isso acontecer com ele. – ela começou a chorar novamente.

– No começo não entendemos, mas depois nossa visão sobre isso muda. –

diz minha mãe, que a abraça mais uma vez.

Não conheço uma pessoa com tanta fé quanto minha mãe. Tenho orgulho por tê-la em minha vida, pois eu sei o que ela passou até chegar a acreditar nos porquês da vida. A fé é uma palavra tão cheia de significado.

Depois de uma pequena oração, a senhora Romero prepara o quarto de hóspedes para nós. Desejo à senhora Romero como minha mãe, que ela descansasse e que tudo ficaria bem quando amanhecesse. Por um milésimo de segundo eu duvido disso, mas tenho que ter fé.

Nicolas estava fugindo da vida dele, assim como muitas vezes eu queria fazer há alguns anos. Conheço um pouco da dor dele, mas tenho muito medo dos pensamentos que estariam passando pela mente dele naquele momento.

Antes de entrar no quarto, olho para o fim do corredor, e observo a porta rachada do quarto de Nicolas. Como seria legal ele estar ali, me chamando para brincar, contar histórias de terror, e dormir até tarde jogando algum jogo só para nos divertir.

– Senhora Romero? – chamo a mulher triste que está entrando para o quarto dela.

Ela se vira, e me olha.

– Pode me chamar de Clara, minha querida. – diz ela, forçando um sorriso.

– É, senhora Clara, eu poderia dormir no quarto do Nicolas? – pergunto.

Sei que essa é uma pergunta muito estranha, ainda mais vinda de uma garota de doze anos, mas uma vontade me bateu e as palavras saltaram da minha boca.

A senhora Romero, quer dizer, a senhora Clara, fica olhando para mim por um tempinho.

– Durma comigo, querida. – diz minha mãe no encosto da porta no quarto de hóspedes no começo do corredor.

– Não, tudo bem, pode sim, querida. – diz a senhora Clara, que solta um pequeno sorriso.

Agradeço e minha mãe fica me analisando.

Ela não discute comigo, me entrega um cobertor para eu não sentir frio. Caminho até o fim do corredor e abro a porta. Acendo a luz do quarto azul marinho. Há alguns brinquedos que eu não tinha notado quando entrei pela segunda vez. Tem alguns livros que lendo pelo título na lombada eu sabia que já tinha lido. Amanhã discutiria as histórias com Nicolas quando ele

voltasse com o pai dele e com o meu.

Encosto a porta do quarto que está trincada bem abaixo da maçaneta. Tudo está meio bagunçado, olho mais uma vez cada canto do quarto à procura de algo que Nicolas deixasse, mas eu paro. O sono parece ter chegado, mas não posso dormir. Quero esperar o Nicolas ali.

Deito na cama marfim com as luzes ainda acesas. Na cabeceira da cama há algumas estrelas fluorescentes espalhadas, o que acho muito fofo. Posso sentir o cheiro do Nicolas em cada canto. Era um cheiro agradável, uma mistura de fragrância doce com algo que não consigo distinguir. Seguro o celular de Nicolas que está na beirada da cama, e coloco do meu lado. Talvez ele ligasse. Encosto a cabeça no travesseiro, e sinto algo desconfortável, enfio a mão embaixo do travesseiro e de lá tiro um caderno comum de capa dura azul.

É bem simples, não tem imagem na capa, apenas algumas orelhas feitas nas páginas, a lombada quadrada está um pouco rasurada, mas tirando isso, parecia muito com um...

Paro de pensar. Abro o caderno no meio e observo alguns registros. Fecho. Tento colocar o caderno no mesmo lugar, mas uma palavra paira dentro da minha cabeça: PISTAS.

Sei que é errado ler coisas pessoais de outra pessoa, minha mãe me ensinou isso, mas nesse caso é muito importante, porque talvez isso salve uma vida.

– Estou te ajudando Nicolas, espero que você me entenda. – digo baixinho.

Apoio as minhas costas no encosto da cama, estico as pernas e abro o diário. Minhas mãos começam a tremer como folhas de uma árvore quando uma brisa do fim de tarde passa por elas. Respiro fundo. Na primeira folha amarelada, com letras em maiúsculas, está escrito: MEUS DIAS BONS x RUINS.

(Nicolas)

Hoje com certeza é o pior dia da minha existência.

A voz de Ana ainda ecoa em minha cabeça. Começo a soluçar. Posso ver as sombras dos meus pais na fina luz que reflete abaixo da porta do meu quarto escuro. Choro, deixando a represa dentro de mim rachar, até que toda água passe pelas rachaduras e quebre a parede que a segura.

O mundo dentro de mim está desmoronando.

Consigo ouvir minha mãe chorando muito. Quero dizer para ela que sinto muito, mas coisas ruins estão passando por minha mente. Pensamentos que eu tentei prender por dois anos. Não vejo mais alternativa de não pensar. Todos tinham visto as minhas marcas, o julgamento vai começar. Meus pais serão os primeiros, depois meus colegas da escola e depois a escola inteira. Penso no que minha mãe disse e sei que é minha culpa eles estarem assim, se eles não trabalhassem tanto para me sustentar, meus pais não estariam passando por isso. Sou um fardo, um saco de batatas, um garoto que Deus colocou no mundo só para dar trabalho.

Ando pelo quarto, e uma enchente de lágrimas ainda escorre pelo meu rosto. Ouço alguém bater na porta de entrada da casa. Minha respiração aumenta como um motor de um carro de corrida quando ouço a voz do pai de Ana. Ele vai contar para meus pais.

Não!

Ouço a voz da mãe de Ana também, e da própria garota. Ela está gritando. Não entendo o que ela está dizendo.

Escuto passos, eles estão vindo para cá.

Olho para os lados.

Estou cansado de discutir. Tenho um plano. Pego minha mochila que está ao lado da minha cama e a esvazio rapidamente. Pego um moletom de frio azul marinho que está pendurado no cabide atrás da porta e abro a segunda gaveta da minha cômoda e pego meu caderno azul. É quando noto o que está escondido no fundo da gaveta junto do caderno.

O objeto pequeno prata, de calibre trinta e dois, reluzindo pela luz que sai da fina abertura da cortina na janela. Pego a arma que meu pai colecionava a pouco mais de um ano, onde ele nunca percebeu que tinha sumido.

Eu me lembro da minha estranha curiosidade em saber usar um daqueles objetos. Não poderia pedir ao meu pai, porque levantaria muitas perguntas, então fiz algumas pesquisas. Acredite, existem todos os tipos de vídeos na internet ensinando a manuseá-las.

Enfio o revólver na mochila, com as pontas do dedo, com medo de disparar antes do tempo.

Olho para meu caderno azul, e decido não levar. Talvez eles pudessem ler, e entender o que eu tinha passado esse tempo todo. Tenho pouco tempo. Ouço passos pararem em frente à minha porta. Sem fazer barulho, escondo o caderno embaixo do travesseiro, caminho até a janela, puxo sem fazer

barulho às persianas que se abrem rápido e afasto o trinco que mantém a janela fechada. Ouço batidas fortes, meus pais me chamam.

Da janela ao chão são um metro e cinquenta mais ou menos. Sem pensar, eu pulo. Sorte minha que o chão é todo gramado. Eu me arrasto, e me escondo atrás de um arbusto verde ao lado da cerca viva que divide a minha casa e a do vizinho, quando ouço baterem contra a porta, e um forte barulho de algo quebrando é perceptível.

Rapidamente caminho para fora da vista da janela e ando pela frente da casa do vizinho que devia estar viajando com a família. Eu não sei para onde devo correr. Deixo minhas pernas me levarem.

Não sei por quanto tempo corro.

Fujo da estrada, não quero que ninguém me encontre, então corro o mais rápido que posso e me vejo passando por uma praça deserta, onde paro para tomar fôlego embaixo de uma árvore com galhos secos. Sinto uma dor forte do lado da barriga.

Tenho certeza que estou bem longe o bastante, e então desabo no chão. Respiro o mais fundo que posso. Encosto minhas costas no tronco da árvore áspera e espero a dor diminuir.

A minha mente ainda projeta flashes do dia. A porta sendo arrombada pelos meus pais... estou com medo. Ouço meu coração batendo muito rápido. Não tem ninguém por perto, nenhuma alma viva para ver um garoto de catorze anos sozinho.

É melhor assim, a solidão me ajuda a pensar, o medo é só um aviso para a decisão que tenho que tomar.

Não posso voltar atrás, minha vida nunca irá mudar. Estive adiando essas coisas já faz muito tempo. Sempre haverá um Guga, más pessoas que vão te bater ou te colocar um novo apelido. Estou sentindo falta dos meus pais, mesmo ouvindo tudo que eles disseram, da decisão estúpida de se separarem.

Eu quero chorar.

Levanto e olho para onde devo ir, e sei do lugar certo para meu descanso. Penso nesse lugar várias vezes desde que os dias tristes vieram, e também quando ocorria algum dia bom. Lá era lugar que basicamente meu sofrimento aumentou, foi lá que minhas descobertas e uma solução para amenizar, pelo menos um pouco do sofrimento que sinto.

Começo a andar, um pouco mais rápido. Minha garganta está seca, mas

continuo a caminhar. A dor do lado volta agora um pouco mais suportável. Lembro das chatas aulas de educação física, quando o meu professor que parecia um atleta, pediu para que os alunos do quinto ano corressem quinhentos metros, por causa de uma olimpíada estudantil que acontecia todo ano no colégio que estudava. Lembro de o professor dizer que eu era um bom corredor.

Não participei das olimpíadas, desde daquela época eu era muito tímido, mas torci por alguns colegas que foram bons comigo até terminar o ano. Eles fingiram depois que eu não existia, literalmente, quando nos vimos no primeiro dia de aula no oitavo ano na escola nova. Eles me deram as costas, eles riram quando Guga mexia comigo na sala, mas eles estavam sendo apenas garotos babacas querendo ser populares.

Não estou triste por isso. Eles nunca mais terão que me ver outra vez.

Não sei por quanto tempo caminho, mas reparo que a escuridão da noite chegou. Não me importo com a penumbra. Noto alguns postes acessos ao redor de um campo aberto alguns metros à frente.

Cheguei ao meu destino.

Um pequeno sorriso surge, posso sentir o medo no canto da minha boca, então inflo meus pulmões e solto um longo suspiro.

– Olá parquinho do meu décimo primeiro aniversário! – sussurro.

DIA CINCO

(Ana)

É muito triste o que estou lendo!
Desculpa Nicolas.

* ESSE SÍMBOLO SIGNIFICA QUE O DIA FOI BOM E RUIM AO
MESMO TEMPO.

12 ANOS

30 DE NOVEMBRO - MOMENTO RUIM

Não sei como devo começar, não consigo achar as palavras certas... Eu me cortei pela terceira vez na coxa direita. Não quero dizer o que aconteceu.

03 DE DEZEMBRO - MOMENTO RUIM

Meu irmão chegou de férias da faculdade. Ele me chamou de saco de batata, porque eu vi mamãe chorando na cozinha, e comecei a chorar também. Ele disse que é minha culpa por ela estar chorando.

15 DE DEZEMBRO - MOMENTO BOM

Meus pais levaram meu irmão e eu para passear na praia. Eles não brigaram hoje.

25 DE DEZEMBRO - MOMENTO BOM

Eu ganhei um carro maneiríssimo do papai e da mamãe. De bônus meu pai me deu uns HQs de uns heróis que gosto muito. Eu AMO o natal, pois ele une todo mundo. Meu irmão não me disse coisas ruins hoje.

25 DE DEZEMBRO - MOMENTO RUIM

Meu irmão bateu em mim. Disse para eu não contar para nossos pais, se não ele iria me bater de novo.

02 DE JANEIRO - MOMENTO BOM

Cheguei à casa da vovó. Tenho um esconderijo, mas não posso escrever aqui, pois não quero que ninguém (principalmente meu irmão) descubra se eu perder um dia esse caderno.

09 DE JANEIRO - MOMENTO BOM

Fiquei internado no hospital por três dias por causa de uma forte gripe. Agora meus pais estão sempre perguntando como eu me sinto. Isso é muito bom. Eu poderia ficar doente todos os dias que não me importaria.

20 DE JANEIRO - MOMENTO RUIM

Meus pais e meu irmão brigaram. Eu comecei a chorar, e meu irmão me deu um soco no rosto. Estive no hospital novamente por quase duas semanas. Meu irmão está com muita raiva de mim, porque meu pai deu uma surra nele por ter me batido. Eu pedi desculpa para ele. Não sei por que fiz isso, se foi ele que me bateu. Talvez, eu tenha realmente um coração de manteiga.

31 DE JANEIRO - MOMENTO BOM

Eu deveria estar triste, mas estou super feliz. Meu irmão teve que voltar para a faculdade de direito mais cedo esse ano.

03 DE FEVEREIRO - MOMENTO RUIM

Meus pais estão discutindo a quase uma hora dentro do quarto. Eu acabei de fazer dois novos cortes no banheiro.

11 DE FEVEREIRO - MOMENTO RUIM

Eu tentei fazer uma coisa que não gosto de pensar, mas pensei e tentei fazer. Não tive forças. Sou um fracote!

15 DE FEVEREIRO- MOMENTO RUIM

Estou com medo. Estou prestes a ir para nova escola. A minha última escola fechou e todos os alunos tiveram que ser matriculados em outras escolas da cidade. Por favor, Deus, que os meus colegas não sejam tão piores quantos os outros!

20 DE FEVEREIRO - MOMENTO BOM

Meus pais me levaram para comprar materiais novos para usar na escola.

28 DE FEVEREIRO - MOMENTO RUIM

É fim do Carnaval. Minha mãe discutiu muito com meu pai o dia todo. Eles pararam por um tempo, mas quando pedi que minha mãe me ajudasse a forrar os livros da escola, ela gritou comigo. Disse que não estava bem. Eu sinto muito por ela estar assim.

03 DE MARÇO - MOMENTO BOM

Falta menos de nove horas para eu acordar e ir para o primeiro dia de aula. Estou com uma sensação de que o ano na escola nova vai ser muito diferente, espero que seja bom. É o que espero.

04 DE MARÇO - MOMENTO RUIM

É tudo bem diferente que eu pensei que seria. Não gosto muito do fundamental II. Tenho vários professores e não apenas um, como era no quinto ano, meus colegas me olharam estranho quando consegui achar a sala de aula. Deve ser porque eu estava muito azul. Essa é minha cor preferida, pois me sinto feliz com o céu, ou com algo que me lembre essa cor. (Só para eu deixar anotado aqui, a maioria das minhas roupas que estão no meu guarda roupa é azul). Ah, por enquanto não ouve xingamento ou algo do tipo.

07 DE MARÇO - MOMENTO RUIM

Hoje recebi meu primeiro apelido. Magricela! Um cara bem alto da minha turma, eu acho que ele é maior aluno do oitavo ano, me empurrou e me deu esse apelido.

Meus dias de sobrevivente ao oitavo ano do ensino fundamental começaram.

13 DE MARÇO - MOMENTO RUIM

Alguns colegas da minha antiga turma passaram por mim, e fingiram que não me conhecia. Guga, o garoto mais alta da minha turma, continuou a me chamar de magricela. Seus amigos, que andam com ele, se uniram na hora do recreio para me atormentar. Não quero me lembrar disso, então não vou escrever o que eles disseram, pois isso não me ajudaria.

17 DE MARÇO - MOMENTO RUIM

Ontem foi um dia ruim, mas não quis escrever. Chorei quando cheguei da escola. Meus pais estão sem se falar há mais de três dias, e na escola Guga e seus amigos me derrubaram na frente de todos os nossos colegas. Todos riram. O pior de tudo isso é que a professora de ciências tinha chegado bem na hora e apenas pediu que nós a respeitasse. Os adultos são realmente cegos. Estou muito triste com isso. Eu vou ao banheiro.

18 DE MARÇO - MOMENTO RUIM

Tenho um novo corte exterior que está cicatrizando. Meus pais ainda não conversaram um com o outro. Tenho medo que eles se separem. O clima aqui em casa não está nada bom.

20 DE MARÇO - MOMENTO RUIM

Eu odeio ser eu. Odeio minha vida, odeio escrever isso aqui. Odeio momentos ruins, mas sei que todos têm dias ruins, mas eu não quero ter. Pensei de novo naquilo. Eu encontrei a arma do meu pai. Ela estava escondida em uma caixa metálica, dentro do guarda roupa, perto de suas coleções de cartões postais. Ele começou a colecionar armas (tudo legalmente), mas minha mãe não gostou, disse que era perigoso por causa de mim, por ser uma criança (talvez ela saiba que não sou normal. Sou “malucão”, é assim que meu irmão me chama). Meu pai vendeu todas as armas, menos essa que estou observando faz horas.

20 DE MARÇO - MOMENTO RUIM

O revólver tem uma bala, coincidência não?

Talvez essa bala fosse feita para mim, mas não quero morrer, não agora. Vou ficar sem escrever aqui por alguns dias.

3 DE ABRIL - MOMENTO BOM

Olá, voltei. Meus pais voltaram a se falar há uma semana e o motorista do ônibus que me leva todos os dias para escola, sorriu para mim quando estacionou em frente à minha casa hoje de manhã e me chamou de garoto azul. Eu saquei na hora o que isso significava. Minhas roupas, claro! Fiquei muito feliz por pelo menos alguém ter observado que existo. Obrigado Tady.

5 DE ABRIL - MOMENTO RUIM

Ontem tive muito dever de casa. Ainda estou tentando me encaixar nos horários da nova escola. Hoje Guga tentou baixar minha calça, mas eu estava usando cinto, que o impediu de fazer o ato. Porém ele me xingou de nomes e cuspiu na minha cara. Eu fui ao banheiro dos garotos para lavar o rosto e chorar um pouco antes que a quarta aula iniciasse.

6 DE ABRIL - MOMENTO BOM

Minha Avó materna veio nos visitar hoje. Ela é engraçada e não se parece nada com minha mãe, que é triste e que raramente me faz rir. Vovó vai ficar uma semana aqui em casa. Papai não gostou nada disso! Não sei o porquê,

mas mamãe e ele discutiram ontem quando ela deu a notícia. Mamãe disse que se sentia sozinha. Queria dizer que não estava, pois ela me tinha. Mas percebi que ela não me enxerga como filho, sei lá, não sei como ela me enxerga. Fui ao banheiro.

9 DE ABRIL - MOMENTO BOM

Hoje é aniversário da mamãe. Ela chamou umas amigas do hospital para uma comemoração aqui em casa. Vovó fez o bolo. As amigas da mamãe são bem legais, sempre perguntam o que eu faço, e me chamam de garoto inteligente, mesmo eu não sendo. Papai chegou atrasado em casa, e mamãe ficou triste quando ele sumiu por um tempo no quarto. Eu não sei o que está acontecendo com eles. É difícil entender os adultos.

10 DE ABRIL - MOMENTO RUIM

Hoje me acusaram de roubo. Guga e seus amigos, eu tinha certeza que foram eles que colocaram o brinquedo de uma colega minha na minha mochila, pois hoje era o dia de levar algo que nos remetesse boas lembranças na aula de história. Levei um carrinho que ganhei do meu pai, porque é uma recordação que me faz lembrar a minha família feliz de três anos atrás. A professora Érica pediu para que procurássemos a boneca da minha colega que chorava muito, pois era um presente do pai dela que tinha viajado para outro país. No fim, encontraram a boneca na minha mochila, e todos acham que fui eu. A menina ficou com raiva de mim e todos riram na sala, me chamando de menininha e outros apelidos que não quero escrever. A professora me deu uma bronca e eu comecei a chorar dizendo que não fui eu. Ninguém quis ouvir.

12 DE ABRIL - MOMENTO RUIM

Estou com dois novos cortes. Estava pensando nos cortes enquanto me olhava no espelho do banheiro hoje mais cedo. Eles estão me ajudando a diminuir a dor, mas eu tenho medo de não parar mais de me cortar. Logo as peles das minhas coxas ficarão sem espaço para tantas cicatrizes. Pensei em fazer cortes nos meus braços, mas como eu as cobriria?

13 DE ABRIL - MOMENTO RUIM

Porque pessoas boas têm que sofrer? Tady não dirigiu o ônibus hoje. Ouvi umas garotas dizerem no ônibus que a filha do Tady tinha morrido. Eu queria saber onde era casa dele, queria dizer que sentia pela perda dele. Estou

pensando nos meus pais, em como eles viveriam sem mim.

17 DE ABRIL - MOMENTO BOM

Meus pais completaram vinte anos de casados. Eles prepararam uma festa, mesmo o clima não estando muito bom.

17 DE ABRIL - MOMENTO RUIM

Não entendo o porquê dos meus pais estarem tão distante, talvez eu entenda. Meu irmão disse uns dias atrás que as brigas deles são minha culpa. Penso agora todas as noites antes de dormir.

O que eu fiz para eles brigarem tanto? Porque eu não faço ideia.

19 DE ABRIL - MOMENTO RUIM

Tady ainda não voltou a dirigir. Sinto falta dele. Espero que a dor que ele sente possa diminuir um dia. Guga voltou a praticar *bullying* comigo e com mais outro colega. Achei que esse garoto chamado Lucas e eu pudéssemos ser amigos, por causa do que estávamos passando. Mas assim que Guga me chamou de uns nomes que não quero escrever, e depois chamou ele também, Lucas virou as costas e fingiu que eu não existia. Ele me mandou sair da frente dele. Quis dizer a ele que não tinha culpa, mas como sou estranhamente tímido, não falei.

21 DE ABRIL - MOMENTO BOM

É feriado. Isso quer dizer que não tem escola. Estava vendo no calendário que falta cinquenta e quatro dias para o recesso. Ficarei um mês sem ter que ver qualquer um daquele lugar.

23 DE ABRIL - MOMENTO RUIM

Estou me sentindo triste. Tem vários brinquedos pedindo, não literalmente, para brincarem com eles, mas estou sem vontade de sair e brincar no quintal da casa. Quero ficar de frente para o computador e ouvir uma música triste. Eu li em um site hoje cedo que músicas tristes fazem a gente pensar na vida. Eu estou meditando na letra, e a dor ainda não diminuiu.

29 DE ABRIL - MOMENTO RUIM

Parei de escrever por esses dias. Não durmo por uma semana. Ninguém percebeu que estou triste o tempo todo, e isso não é por que eu quero. Eu não quero estar aqui, não quero ser eu. Acho que estou ficando louco.

03 DE MAIO - MOMENTO RUIM

Desde que me acusaram de roubo na escola, quase nenhum dos meus colegas querem fazer trabalho de grupo comigo. A professora tem que insistir muito, quer dizer, ela obriga os alunos a me escolher para participar dos trabalhos em equipe. Ouvi um colega meu, chamado Antônio, dizendo para outros colegas que eu era uma aberração de outro planeta. Eu não sei por que sou uma aberração, pois sou um garoto normal como eles. Eu acho.

05 DE MAIO - MOMENTO BOM

Tady voltou a dirigir o ônibus, fiquei contente quando o vi. Ele soltou seu sorriso de sempre e disse “olá garoto azul”. Pena que no papel não é possível ouvir a voz dele dizendo isso. É hilário. Eu com minha timidez, apenas sorri.

08 DE MAIO- MOMENTO BOM*

Sabe quando você assiste um filme, e ele fala com você do início ao fim? Foi assim que aconteceu comigo. Eu queria ser o cara daquele filme, que mesmo passando por dias ruins teve um final feliz. Agora estou triste, pois estou pensando que talvez eu não tenha um final feliz.

09 DE MAIO - MOMENTO RUIM

Estou parando de usar minhas roupas azuis. Guga notou, e agora sou conhecido como aberração azul.

13 ANOS

11 DE MAIO - EU NÃO SEI DEFINIR ESSE MOMENTO

É meu aniversário. É meia noite. Estou com treze anos, e estou triste não sei por quê.

11 DE MAIO - MOMENTO BOM

Assim que acordei meu pai e minha mãe vieram no meu quarto. Deram-me um abraço e um feliz aniversário. Meu pai me deu um presente junto com minha mãe como sempre fazem. Eu quase pulei de tanta alegria quando abri a embalagem e vi um celular novinho. Meu primeiro celular. Todos da minha classe tinham, menos eu. Até agora não acredito no que ganhei, até esqueci um pouco da tristeza.

11 DE MAIO - MOMENTO RUIM

De novo, mas um ano. Depois dos parabéns e do bolo que mamãe fez, meus pais começaram a brigar de novo na sala. A comemoração de quatro pessoas (minha mãe, meu pai, vovó e eu) se foi de vez. Minha avó entrou na discussão e meu pai disse coisas ruins para vovó. Não entendi o porquê da discussão, mas tudo começou por causa do meu celular. Agora são dez horas da noite e estou no meu quarto, acabei de pesquisar no meu celular sobre suicídio. Não gosto de escrever isso, mas talvez isso me ajude. Descobri que músicas tristes ajudam a tomar decisões difíceis.

16 DE MAIO - MOMENTO RUIM

Eu me cortei duas vezes nas últimas semanas. Uma por causa do Guga e outra por eu ser um garoto ruim que nunca deveria ter nascido. Eu sou mal.

17 DE MAIO - MOMENTO RUIM

Estou me culpando por ser problema na vida de muita gente. Eu não me encaixo nesse mundo.

21 DE MAIO- MOMENTO RUIM

Assisti a um filme na TV. Ele fala de amizade, e me peguei perguntando para mim mesmo, como é ter um amigo? Nunca tive um amigo, mas se eu tivesse um, eu não estaria tão triste, e coisas ruins que acontecem comigo com tanta frequência, talvez não importasse mais.

24 DE MAIO - MOMENTO BOM

Hoje não teve aula. Passei o dia assistindo algumas séries de super-heróis que eu gosto muito. Faz alguns dias que não consigo dormir. Tenho pesadelos quase todas as noites, mas não me lembro da maioria deles.

25 DE MAIO - MOMENTO RUIM

Hoje eu fui humilhado novamente na sala. Foi depois da segunda aula. Guga e seus amigos me penduraram de cabeça para baixo, todos riram. Não sei o porquê disso, já que não dou motivo para eles mexerem comigo. Tirei uma nota maior de toda a sala na disciplina de matemática, o professor Renato me elogiou por isso.

28 DE MAIO - MOMENTO RUIM

Não sei por que ainda não estou traumatizado em ir à escola. Mas se eu

parar de estudar, estarei dando razão a todos de lá que sou fraco mais do que eles pensam. E meus pais não entenderiam e me perguntariam o motivo, e claro, eles não iriam se importar pelos motivos, e talvez isso gerasse mais brigas entre eles.

02 DE JUNHO - MOMENTO BOM

Faltam poucos dias para o recesso do fim das aulas.

03 DE JUNHO - MOMENTO RUIM

Meus pais têm discutido muitas vezes durante essa semana. Meu pai chegou bêbado ontem, foi a primeira vez que eu o vi assim.

04 DE JUNHO - MOMENTO RUIM

Fiz mais um corte. Usei uma lâmina de um apontador que eu não usava. Não tinha ninguém em casa, então eu quis fazer, só para aliviar a dor do silêncio.

07 DE JUNHO - MOMENTO BOM

Uma professora da minha classe me elogiou por uma atividade. Não tenho me esforçado muito para os estudos, mas foi bom ouvir um elogio. Meus colegas não gostaram, pois, mesmo de cabeça baixa, pude sentir seus olhares perfurando minhas costas. Aposto que Guga vai fazer alguma coisa no final da aula.

09 DE JUNHO - MOMENTO BOM

Guga não fez nada até agora, acho que ele ficou sem ideia do que fazer comigo.

Está chegando às férias dos sonhos.

14 DE JUNHO - MOMENTO BOM

Último dia de aula. Estou feliz, porque Guga não fez nada comigo. Ele deve estar sem ideia na sua cabeça vazia.

15 DE JUNHO - MOMENTO BOM

Amanhã irei viajar para casa da vovó e ficarei lá por um mês. Deixarei o caderno aqui, pois tenho medo de que alguém descubra que ele exista. Até mais.

16 DE JULHO - MOMENTO RUIM

Cheguei da fazenda da minha Vó hoje à tarde. Brinquei muito lá, não fiz nenhuma amizade, mas mesmo vovô com seus problemas de saúde, ela me deu muita atenção. Estou triste que amanhã terei que ir à escola.

17 DE JULHO - MOMENTO RUIM

Ele implicou comigo de novo. Sou um pedaço de imã que atrai coisas enferrujadas para perto. As coisas enferrujadas são o Guga e seus amigos idiotas. Prometi quando cheguei em casa que nunca irei fazer coisas ruins com ninguém, pois se eu fizer, talvez terei uma morte nas minhas mãos.

21 DE JULHO - MOMENTO BOM*

É aniversário do meu pai. Ele pediu para não fazemos nenhuma comemoração para ele, e isso foi um gerador de mais uma briga entre ele e minha mãe.

26 DE JULHO - MOMENTO RUIM

Uma coisa boa que sempre acontece no ônibus, lá eu não sou xingado ou agredido. Tady é o cara mais legal que conheço. Primeiro, ele tem uma placa enorme pendurada na entrada no ônibus que diz: PROIBIDO *BULLYING*, e todos os alunos que entram pela porta respeita isso. Ouvi dizer que Tady uma vez expulsou um menino do ônibus porque estava dando socos em outro garoto que estava quieto. Tady viu, e o garoto que agrediu teve que andar mais de um quilômetro até sua casa. Seria bom ter uma placa na entrada de cada porta nas salas de aula, e uma pessoa como Tady em cada uma delas, que não tolera esses tipos de coisas. Pois é na saída e na entrada da escola que sua vida é encurtada, é quando garotos idiotas mexem com você, mesmo sem você ter feito nada. Eles te batem na cabeça e chutam sua bunda. Eu...

28 DE JULHO - MOMENTO RUIM

Tenho um novo corte na coxa da perna esquerda, porque já tem muitas cicatrizes na coxa direita.

03 DE AGOSTO - MOMENTO BOM

Um dos meus tios que é irmão mais velho da minha mãe veio passar o fim de semana aqui em casa. Gosto muito do tio Jorge, não porque ele traz um presente para mim toda vez que nos visita, mas porque ele tem as melhores

piadas que eu já ouvi. É disso que preciso um pouco: RIR. Ah, eu ganhei uma maneiríssima bicicleta do tio Jorge. Amanhã vou andar nela.

04 DE AGOSTO - MOMENTO BOM

Faz um bom tempo que não saio de casa, do meu quarto. É bom respirar ar menos poluído, sentir o vento no rosto. Tive minha primeira bicicleta com seis anos. Quando eu tinha nove anos ela quebrou e agora tenho uma novinha. Essa é muito melhor que a outra. Pedalei por várias horas. Até que foi bom, minha mente está um pouquinho leve.

08 DE AGOSTO - MOMENTO RUIM

Tio Jorge Foi embora, e a tristeza voltou a reinar aqui em casa. Meus pais pararam de fingir que era um casal normal. Guga continua a implicar todos os dias na escola, na entrada e na saída. Eu acho que sou o saco de pancada número um dele.

20 DE AGOSTO - MOMENTO BOM

Estou doente. Tenho febre e várias outras coisas nojentas. Faz uma semana que não vou para escola. Estou com dores no abdômen e o médico descobriu hoje que tenho apendicite e que terei que operar. Amanhã é minha cirurgia. Não estou com medo, só um pouquinho nervoso. Meus pais disseram para mim que é um procedimento rápido, que não sentirei dor depois. Estou feliz que não irei para escola por um mês. Tenho muita sorte.

28 DE AGOSTO - MOMENTO BOM

Estou em casa, de repouso. Tenho um novo corte (não feito por mim), do lado da minha barriga. Ainda dói um pouco, mas é só tomar um remédio que passa. Quase descobriram as cicatrizes nas minhas pernas enquanto me preparavam para fazer a cirurgia. Ainda bem que notei depressa, e tive o cuidado para esconder as marcas até eu ser sedado. Minha mãe está me dando muita atenção, ela me ajuda a tomar banho, mas claro, eu tomo banho de short, pois como sou um pré-adolescente, não posso ficar pelado na frente dela e nem mostrar minhas cicatrizes.

Ainda não acredito, meu irmão ligou para perguntar por mim. Percebi que ele ainda se importa comigo, mesmo que um pouco.

30 DE AGOSTO - MOMENTO BOM

Tive que voltar mais uma vez para o hospital. Notei que estava saindo

sangue e um líquido nojento do meu corte. Quando contei para minha mãe, ela me ouviu e percebi o medo no rosto dela. Os meus pontos abriram e tiveram que me levar para emergência. Não senti nada, pois me sedaram. Como enfermeira eu acho que minha mãe sabia o perigo que eu estava correndo. Será que ela reagiria assim se descobrisse sobre os meus cortes e sobre o que eu venho pensando?

03 DE SETEMBRO - MOMENTO RUIM*

Meu pai está bastante afastado desde minha cirurgia. Ele uma ou duas vezes passa no meu quarto, onde fico praticamente o dia todo, e pergunta como estou. Daí ele sai e não o vejo mais. As brigas entre os dois têm diminuído, mas deve ser porque minha mãe anda ocupada cuidando de mim. Ela pediu licença do hospital para cuidar do doente aqui.

06 DE SETEMBRO - MOMENTO BOM

Tenho passado muito tempo em casa ouvindo música e assistindo TV. Não quero pensar que terei que ir para escola. Não quero acabar com esses dias bons.

15 DE SETEMBRO - MOMENTO BOM

Tirei os pontos hoje, e minha mãe me deu uns DVDs de super-heróis. Já assisti alguns, mas eu queria dizer para minha mãe que tem filmes online em sites não pirateados que eu posso assistir e que não é preciso gastar muito. Mas não falei isso, porque não queria ser ingrato. Minha mãe tem estado bastante tempo do meu lado. E isso é um recorde.

16 DE SETEMBRO - MOMENTO RUIM

Meus pais tiveram outra discussão. Eles tentavam falar o mais baixo possível, mas eu consegui ouvi-los. Minha mãe o acusava de sempre estar ausente, disse que eu poderia tomar o exemplo dele um dia. Meu pai disse que minha mãe só sabe dizer o quanto ele é ausente e que não sabe o que ele está passando no trabalho. A discussão sempre acaba quando minha mãe começa a chorar.

18 DE SETEMBRO - MOMENTO BOM

Estou ouvindo música nos meus fones de ouvido. Meu pai veio mais cedo no meu quarto, conversou comigo antes de ir para uma reunião. Uma conversa de um minuto, mas valeu. Minha mãe parecia feliz, mas talvez só

parecesse. Uma coisa que tenho observado durante um tempo é que os adultos sabem esconder os sentimentos melhores do que pré-adolescentes da minha idade.

19 DE SETEMBRO - MOMENTO RUIM

Tive que passar outra vez no médico para fazer um *checkup*. O doutor Fábio, que tinha feito minha cirurgia, falou que eu poderia voltar as minhas “atividades físicas” daqui a duas semanas.

21 DE SETEMBRO - MOMENTO RUIM

Minha mãe recebeu uma ligação mais cedo. Minha avó está no hospital. Minha mãe foi para lá. Meu pai está cuidando de mim.

22 DE SETEMBRO - MOMENTO RUIM

Agora sei a diferença entre um pai e uma mãe. A mãe é atenciosa e atenta, e o pai não. Meu pai tem se virado no que pode enquanto minha mãe está fora. Ele está trabalhando em casa e tem vezes que sai à tarde para ir a uma reunião de emergência.

22 DE SETEMBRO - MOMENTO BOM

Minha mãe ligou para o meu celular à procura do meu pai. Eu disse que ele foi para uma reunião de emergência e pelo tom de voz dela, parecia que estava brava depois que contei. Vovó está melhor, apenas teve uma queda de pressão. Eu falei com ela pelo telefone, e prometeu que estaria mandando um bolo de cenoura com chocolate que é o meu preferido.

24 DE SETEMBRO - MOMENTO BOM*

Mamãe voltou hoje de manhã. Ela perguntou como eu estava, mas percebi que ela estava triste. Papai foi trabalhar cedo e deixou meu café da manhã na cômoda.

24 DE SETEMBRO - MOMENTO RUIM

Meus pais tiveram uma discussão feia. Teve até um xingamento pelo meio. Desde pequeno minha mãe nunca me permitiu falar um palavrão que fosse, ao contrário do meu irmão que na adolescência xingava mais palavrões do que o meu tio Caco, irmão mais novo do meu pai.

30 DE SETEMBRO - MOMENTO RUIM

Como eu gostaria de sair um pouco e andar de bicicleta. Fazer qualquer coisa.

06 DE OUTUBRO - MOMENTO RUIM

O doutor Fabio me liberou. Parece que estou “muito bem”. Agora, eu não terei mais que adiar minha volta à escola.

10 DE OUTUBRO - MOMENTO RUIM

Minha mãe me levou para escola hoje. Eu me senti como se eu estivesse voltando depois de umas longas férias, deslocado, assim que minha mãe me acompanhou pela segunda vez na escola (a primeira foi quando fomos fazer a matrícula). Assim que mamãe conversou com o diretor Felipe. Ela me deixou quase na porta da sala de aula. Fiquei com muito medo (vergonha, na verdade) se ela me levasse até a porta, por isso disse para ela uma ou três vezes que poderia ir para casa. Acho que ela entendeu o que eu quis dizer, pois ela me deu um beijo na testa e me desejou uma boa aula. Não vou descrever os olhares dos meus colegas quando entrei na sala. Todos ficaram em silêncio, até a professora Tereza me deu as boas-vindas e mostrou meu lugar. Guga sorria, quando passei por ele. Mesmo de cabeça baixa pude ver seu sorriso sinistro se alastrando. O medo me dominou a aula toda. Eu sabia que mesmo depois de saberem que eu tinha feito uma cirurgia, ele e seus capangas nunca me deixariam em paz. No final da aula, Guga fez suas brincadeiras idiotas.

25 DE OUTUBRO - MOMENTO RUIM

Tive muitos deveres de casa e provas para fazer. Meus pais brigaram três vezes, fiz um novo corte, e Guga aprendeu a socar minhas costas.

28 DE OUTUBRO - MOMENTO RUIM

Andei de bicicleta hoje pela manhã. É sábado e pensei em muitas coisas. Coisas como reagir às agressões de Guga (mesmo sabendo que eu iria apanhar), levar a arma do meu pai para escola e fazer algo ruim comigo só para Guga ser o culpado ou fugir para algum lugar, como o protagonista de um filme fez.

Ele fugiu dos problemas e foi morar longe de todos.

02 DE NOVEMBRO - MOMENTO RUIM

Dia de finados. Esse é o dia que reflito bastante sobre a vida, e quais as razões de passar por tantas coisas más neste mundo. Nunca encontrei uma razão, mas tenho uma teoria. A teoria é o seguinte: Aqui na terra é o próprio inferno, e o céu é o prêmio onde pessoas boas que suportaram tudo aqui embaixo vão viver para sempre. Ouvi muitas pessoas da minha família dizer que Deus é misericordioso, e que sempre leva as pessoas boas antes do tempo, para que elas não sofram mais nesse mundo. Não sei quanto tempo vou suportar, mas pedi a Deus hoje que me levasse logo, pois como escrevi antes, não sei quanto tempo consigo suportar.

15 DE NOVEMBRO - MOMENTO RUIM

Semanas finais de provas. Estou tendo muitas tarefas de casa, mais do que quando eu estava no sétimo ano. Minha mãe e meu pai têm passado bastante tempo trabalhando. Vejo meu pai só à noite agora, e minha mãe durante o almoço e a noite.

20 DE NOVEMBRO - MOMENTO BOM

Falta uma semana e três dias para o fim das aulas. Por enquanto passei em sete de dez disciplinas. Pelo que eu ouvi dizer na escola esses dias, Guga e seus amigos terão que fazer recuperação de várias disciplinas. Não me sinto vingado, mas eu gostei muito de saber disso.

01 DE DEZEMBRO- MOMENTO RUIM

Meus colegas fizeram uma festinha na sala de aula hoje, para comemorar o último dia de aula. Pelo visto ninguém me avisou. Tive que sair de lá para não atrapalhar a comemoração.

02 DE DEZEMBRO - MOMENTO BOM

Não estou mais triste do que eu estava ontem. Hoje foi o último dia de aula. Agora só o ano que vem. Sobrevivi ao oitavo ano.

04 DE DEZEMBRO - MOMENTO BOM

Por ter tirado boas notas em todas as matérias, minha mãe me levou para comprar roupas novas e de brinde (sem muita insistência), ganhei um maneiríssimo par de luvas de ciclistas.

05 DE DEZEMBRO - MOMENTO RUIM

Meu irmão chegou hoje. Ele está mais chato do que nunca. Ele não falou

comigo ainda, mas seu olhar diz tudo. Meu irmão nunca gostou de mim.

10 DE DEZEMBRO - MOMENTO RUIM

Aos nove anos, meu irmão quebrou minha bicicleta. Ele passou o carro por cima dela, e falou para meus pais que foi sem querer. Tenho certeza que não foi. Queria perguntar o porquê de ele não gostar de mim. Tem vezes que ele é pior que Guga. Ainda bem que ele fica muito tempo na rua com seus amigos do que em casa.

17 DE DEZEMBRO - MOMENTO BOM

Comecei a decorar a sala de estar para comemorar o natal. Mamãe me ajudou a montar a árvore e a decorá-la. Foi até divertido.

22 DE DEZEMBRO - MOMENTO BOM

Viajamos para a praia que fica a alguns quilômetros da minha cidade. Estive ansioso para ir, porque lá eu me sinto menor do que sou. Porque posso tentar medir a imensidão do mar e o tamanho da minha dor.

24 DE DEZEMBRO - MOMENTO RUIM

Meus pais não têm se falado muito há uma semana. Meu irmão tem ficado longe de casa. Hoje nos reunimos para jantar, mas a clima estava tão ruim, que não agradecemos pela comida, nem falamos nada um para o outro.

25 DE DEZEMBRO - MOMENTO RUIM

Meus pais discutiram e meu irmão me fuzilou com seu olhar de irmão mais velho quando faço algo errado, mesmo não fazendo. Minha mãe me deu um presente. Mas não abri ainda. Ela estava com os olhos inchados de tanto chorar.

28 DE DEZEMBRO - MOMENTO RUIM

Estou pedalando na calçada longe de casa. E penso em mais um ano que está chegando. Talvez essas coisas ruins que vêm acontecendo comigo ou com meus pais mudem. Que eu consiga pedir a minha mãe para trocar de escola, mesmo que não resolva muito, e dizer o que tenho passado e no que tenho pensado ultimamente. Tenho medo que o novo ano seja pior. Isso me deixa sem esperança.

29 DE DEZEMBRO - MOMENTO RUIM

Primeiro ano do ensino médio. Estou pensando nessa mudança que terei que enfrentar depois de terminar o nono ano. Não sei se estou pronto para lidar com esse novo mundo completamente estranho que se aproxima.

01 DE JANEIRO - MOMENTO BOM

Feliz ano novo! Hoje pedalei por alguns quarteirões perto de casa, e eu quase caí com a bicicleta no asfalto. Isso quase aconteceu porque vi uma garota que eu nunca tinha visto nas redondezas. Ela tinha um cabelo longo, usava uma blusa de manga comprida, mesmo sendo verão, o que eu achei estranho. Ela brincava com um cachorro que supus ser dela. Mesmo distante, ela não tinha percebido a minha presença. Eu nunca vi uma menina tão bonita como ela. Com certeza seria uma garota popular de algum colégio da cidade. Então, eu sei que não tenho nenhuma chance de conversar com essa garota, porque sou medroso, tímido, e não sei conversar e por muitos outros motivos. Segui em frente.

03 DE JANEIRO - MOMENTO BOM

Meus pais estão de férias. Vamos viajar hoje para a fazenda da vovó. Meu irmão não vai, porque vai começar a estagiar, e meu pai vai depois, pois tem que resolver uns problemas que eu não sei o que é. Minha mãe está com raiva, mas a viagem está de pé.

18 DE JANEIRO - MOMENTO BOM

Cheguei ontem à tarde. Meus pais não brigaram na casa da vovó por esses dias. Estou louco para pedalar e ver a garota que vi no primeiro dia do ano.

19 DE JANEIRO - MOMENTO RUIM

Não consegui ver a garota ontem. Hoje fui lá de novo, mas não a vi. Talvez ela tenha viajado.

26 DE JANEIRO - MOMENTO BOM*

Fiz uma mudança no meu quarto. Minha mãe me ajudou a mudar os móveis de lugar. Minha cama agora está perto da porta. Ainda não consegui ver a garota.

06 DE FEVEREIRO - MOMENTO RUIM

Comprei meus materiais para a escola esse ano no único “shopping” da cidade, na verdade, é um grande estabelecimento com várias lojas integradas.

Já estou nervoso só de pensar que terei que ir para escola em algumas semanas.

20 DE FEVEREIRO - MOMENTO RUIM

Estou estressado e nervoso. Chorei quase o dia todo no meu quarto. É a primeira vez que odeio minha família. Não quero lembrar o que aconteceu, então não vou escrever.

21 DE FEVEREIRO - MOMENTO RUIM

Sobre ontem: Brigas, meu irmão, minha “doença mental”.

01 DE MARÇO - MOMENTO RUIM

Amanhã volto à escola. Não tenho como fugir do medo de andar pelo corredor, de ficar na sala de aula. Estou nervoso.

02 DE MARÇO - MOMENTO BOM

Eu a vi no ônibus hoje. A garota estudará na minha escola, e não acredito até agora: Ela estudará na minha sala. Ah, também descobri o nome dela, quer dizer todos sabem o nome dela agora porque a professora Tereza pediu para ela se apresentar na frente da classe. Ela se mudou para a cidade há um ano parece, e seu nome é Ana Beatriz. Ah, foi bom ver Tady também, continuo sendo o garoto azul mesmo não usando mais roupas azuis.

06 DE MARÇO - MOMENTO RUIM

Guga socou minhas costas assim que cheguei à classe. Ele me chamou de magricela e jogou no chão meu livro de matemática que eu segurava.

08 DE MARÇO - MOMENTO RUIM

Quando você sofre uma agressão verbal ou física dentro da sala de aula, NINGUÉM te defende. Todos olham e riem da sua cara. Hoje recebi um novo apelido: NERD QUE VEIO DE MARTE!

15 DE MARÇO- MOMENTO RUIM

Estava sentado no ônibus mais cedo, e quando Ana entrava, ela olhou para mim, não um olhar rápido, mas demorado como se me analisasse. Foi um olhar estranho, desviei meus olhos de tanto nervosismo. Será porque ela estava me olhando daquele jeito?

16 DE MARÇO - MOMENTO RUIM

De novo aconteceu. Ana me olhou. Abaixei a cabeça rapidamente quando nossos olhares se encontraram. Será que a garota popular se juntaria aos outros para encherem meu saco?

20 DE MARÇO - MOMENTO BOM

Mesmo faltando dois meses para meu aniversário, minha mãe me deu três HQs novinhos de uma continuação de uma edição que eu não tinha.

25 DE MARÇO - MOMENTO RUIM

Guga me chamou de nerd outra vez, só porque a professora de artes me elogiou. Não sou inteligente, só tento fazer meus deveres de casa e presto atenção nas aulas (principalmente artes e depois inglês que são minhas disciplinas preferidas), mesmo que ninguém lá goste de mim.

01 DE ABRIL - MOMENTO RUIM

Feliz dia da mentira! Hoje na escola me chamaram de bichona e Guga colocou um papel com esse novo apelido nas minhas costas. Eu percebi, mas estava com medo de receber um soco do Guga se tirasse, então deixei. Todos da escola estavam rindo de mim enquanto eu caminhava para o ônibus.

02 DE ABRIL - MOMENTO RUIM

Tenho um novo corte. Eu fiz em cima de uma entre várias cicatrizes, doeu muito, mas pensei nos acontecimentos maus que vêm me ocorrendo. A dor da minha alma não diminuiu.

09 DE ABRIL - MOMENTO BOM

É aniversário da mamãe e vovó veio passar uns dias aqui em casa. Meu pai teve a mesma reação do ano passado, mas ele não discutiu. Minha avó me deu um kit de pintar: um quadro, algumas tintas e pinceis. Não sei como ela sabia que eu gostava de artes, era raro fazer algum desenho no meu quarto e deixá-los expostos por aí. Eu dei um beijo na minha avó. Ah, foi ela que me deu esse caderno azul no qual escrevo há bastante tempo.

10 DE ABRIL - MOMENTO BOM

Fiz meu primeiro desenho. Desenhei o parquinho afastado do centro da cidade, que eu brincava na minha infância. Isso me trouxe lembranças tristes, porém um a mais não tem problema.

13 DE ABRIL - MOMENTO BOM

Faz um tempinho que não ando de bicicleta.

Quero confessar algo: tenho medo de sair de casa às vezes, porque sempre acho que posso me esbarrar com o Guga em uma esquina e ele fazer algo típico dele.

16 DE ABRIL - MOMENTO BOM

O nono ano não é tão ruim assim, tirando as agressões. Tenho alguns novos professores que são legais comigo, como o professor David, que tem me auxiliado nas aulas de inglês. *Thanks Teacher!*

21 DE ABRIL - MOMENTO BOM

Achei outro escape para sair um pouco do sofrimento: Desenhar com o material que vovó me deu. Já fiz uns dez desenhos, assim que o papel acabar vou pedir para mamãe comprar mais.

22 DE ABRIL - MOMENTO RUIM

Meus pais tiveram uma discussão feia hoje. Vi mamãe saindo do banheiro chorando. Fiz um novo desenho: Uma flor que está secando por causa do sol forte. A flor seca é minha alma, que está secando quase todos os dias por causa do sol que representa o sofrimento causado pelas pessoas adultas que não sabem resolver seus problemas de uma vez.

28 DE ABRIL - MOMENTO RUIM

Estou com raiva e acabei rasgando três desenhos que fiz. Estou chorando até agora, por que o mundo é mal, e as tristezas, de todas as cicatrizes estão tomando conta da minha vida. Eu odeio Guga, a os alunos que estudam na escola, meus pais que nunca se entendem, meu irmão que me acha maluco. ODEIO TODOS!

30 DE ABRIL - MOMENTO RUIM

Tenho pensado muito no viver e no morrer. As consequências que as duas opções podem trazer para mim.

01 DE MAIO - MOMENTO RUIM

Falta menos de duas semanas para meu aniversário. O que eu queria mais nesse mundo fosse alguém para me ouvir, porque acho que o explosivo preso dentro de mim está prestes a estourar.

02 DE MAIO - MOMENTOS RUINS

Todos têm um explosivo em contagem regressiva, esperando detonar dentro de cada um em algum momento da vida. Sinto que a minha contagem está chegando ao fim. Estou pensando em muitas coisas.

06 DE MAIO - MOMENTO RUINS

Hoje Guga me ergueu pelo colarinho no corredor. Ele se justificou dizendo que era para ver se o Nicolas aqui era mais leve que uma pena de um pássaro. Otário.

10 DE MAIO - MOMENTO RUIM

Falta menos de duas horas para eu ter catorze anos, e eu só consigo chorar.

14 ANOS

11 DE MAIO - MOMENTO RUIM

Estou com uma sensação de vazio no corpo todo. Já faz uma hora que não paro de chorar. O sono não vem. Catorze anos, talvez eu não chegue aos quinze.

11 DE MAIO - MOMENTO RUIM

Minha mãe me entregou um presente assim que fui tomar café da manhã. Ela me abraçou e como sempre me desejou um feliz aniversário. Espero que seja!

11 DE MAIO - MOMENTO RUIM*

Não sei o que eu tenho. Meu corpo está pesado, sinto meus pés doerem e minha cabeça também. Minha mãe me deu uns adesivos para eu colar na minha *bike*. Eu tinha pedido a ela umas semanas atrás quando levamos o pneu da minha bicicleta que tinha furado para uma loja que concerta *bikes* no centro da cidade.

11 DE MAIO - EU NÃO SEI DEFINIR ESSE MOMENTO

Estou sentindo um vazio incrível dentro de mim. Meus pais me levaram para comer um hambúrguer e um *Milk shake* numa lanchonete que quase não íamos. Até que foi legal, eles não discutiram, mas se falaram pouco. A maioria das perguntas eram sobre minha escola. Eu sempre respondia um sim ou não. Não estava me sentindo bem para conversar. Vi o parquinho onde

meus pais e eu comemorávamos meus antigos aniversários. Sinto falta de estar lá.

12 DE MAIO - MOMENTO BOM

A sensação de vazio ainda não sumiu. Hoje não teve nada de especial na escola, nem Guga se quer olhou para mim hoje. Deve ser as provas finais antes do recesso de junho. Vamos ficar de férias um pouco mais cedo, porque a escola vai entrar de reforma. Até que enfim vão pintar as paredes da entrada que estão desbotadas por causa do sol.

20 DE MAIO - MOMENTO BOM

A sensação de vazio diminuiu. Depois de amanhã estarei de férias e volto só no começo de julho.

22 DE MAIO - MOMENTO BOM

Estou de férias. Mamãe ligou para minha avó dizendo que eu estou indo para a fazenda. Não vejo a hora de sair dessa casa, desta cidade.

30 DE JUNHO - MOMENTO RUIM

Eu me diverti bastante na casa da minha avó. Não estou muito triste, mas tenho medo que o vazio volte. Meus primos estavam lá esse ano. A minha prima Amanda que eu não a via muito tempo foi quem brincou comigo o tempo todo. Não contei para ela o que estou passando, porque tenho medo que ela conte para alguém ou não me entenda. Tenho o número do telefone dela, e posso ligar para ela quando quiser. Meus pensamentos diminuíram um pouco.

02 DE JULHO - MOMENTO RUIM

Voltei para escola, e bem, não foi nada bom. Guga implicou comigo, porém eu já sabia que o dia estava previsto para não ser bom mesmo.

Eu não gosto muito do inverno.

02 DE JULHO - MOMENTO RUIM

Liguei para Amanda, chamou várias vezes e ela não atendeu. Liguei três vezes e nada. Vou esperar ela ligar quando ver as chamadas perdidas.

04 DE JULHO - MOMENTO RUIM

Amanda ainda não me ligou.

Será que eu anotei o número errado?

Pedi para minha mãe confirmar, e sim, era mesmo o número dela.

15 DE JULHO - MOMENTO RUIM

Meus pais brigaram duas vezes só hoje à noite. Ouvi um pouco da discussão, mas eles gritavam tanto que parei de ouvir. Coloquei os fones de ouvido e deixei o volume no máximo. Estou cansado de tantas vozes, de tantas pessoas.

18 DE JULHO - MOMENTO RUIM

Estive pedalando. Minha bicicleta tem uns adesivos novos que coleí depois do meu aniversário. Tive que sair de casa, pelo menos por uns minutos. Meus pais estão de folga e quando os dois estão embaixo do mesmo teto tudo é base para discussão.

21 DE JULHO - MOMENTO RUIM

Aniversário do meu pai. Não houve nenhuma comemoração. Minha mãe fez um jantar e ficamos na sala por uns minutos até que minha mãe foi para o quarto dela. Tem alguma coisa acontecendo. Lembro que meu irmão disse que sou o problema das brigas dos nossos pais, mas não me vejo o centro das brigas.

23 DE JULHO - MOMENTO RUIM

Eu me cortei outra vez. Tentei desenhar no meu quarto, mas comecei a chorar.

26 DE JULHO - MOMENTO RUIM

O vazio dentro de mim está voltando.

06 DE AGOSTO - MOMENTO RUIM

Eu estive com febre esses dias. Estou gripado. Minha mãe está me dando antibióticos para que eu melhore.

08 DE AGOSTO - MOMENTO RUIM

Desde que fiquei gripado, meu pai nunca perguntou se estou me sentindo melhor. Ele apenas passa por mim e sorri. Minha mãe tem me ajudado no dever de casa que não faço desde que parei de ir para as aulas por causa da gripe. Não tenho me concentrado muito.

12 DE AGOSTO - MOMENTO RUIM

Estou melhor. Fui para escola hoje. O Guga foi o mesmo de sempre.

20 DE AGOSTO - MOMENTO RUIM

Desenhei um pouco só para dissipar alguns pensamentos ruins que vêm na minha mente. Meus pais voltaram a brigar.

21 DE AGOSTO - MOMENTO RUIM

Faz algum tempo que não me olho no espelho. Notei minhas cicatrizes nas pernas e uma no abdômen e outra na cabeça (essa tem um grande significado). Hoje faz um ano que fiz a cirurgia para tirar uma parte de mim. Como eu queria que algo tivesse dado errado naquele dia.

26 DE AGOSTO - MOMENTO RUIM

Assisti um filme hoje. E era muito triste, mas gosto de filmes assim. Quero ser sempre o personagem principal, nem sei o porquê. Queria ser outra pessoa. Não gosto de ser eu. Baixei o álbum com as canções do filme no celular. Agora passo o dia todo ouvindo.

28 DE AGOSTO - MOMENTO RUIM

Acho que estou ficando louco. Não sei, tenho pensado em muitas coisas esses dias. Os meus pensamentos estão me afastando da realidade toda vez que meus pais brigam ou acontece algo ruim na escola.

01 DE SETEMBRO - MOMENTO RUIM

O vazio tem aumentado dentro de mim, eu posso sentir. Preciso conversar com alguém, se não vou explodir.

04 DE SETEMBRO - MOMENTO RUIM

O vazio não tem ido embora. Na escola tenho aprendido a andar de cabeça baixa.

06 DE SETEMBRO - MOMENTO BOM

Minha mãe me levará para escola.

6 DE SETEMBRO - MUITOS MOMENTOS BONS

Ana (minha colega de turma) me salvou das atrocidades de Guga e de seus companheiros. Ela me convidou para festa de aniversário dela. Ela disse que

me ligaria hoje à tarde. :)

07 DE SETEMBRO - MOMENTO BOM

Uma garota ligou para mim ontem. Uma garota. A ficha parece que ainda não caiu.

O dia de hoje passou muito rápido.

Guardei o lugar de Ana ao meu lado no ônibus como ela tinha pedido quando ligou para mim ontem à tarde. Todos os alunos que estavam sentados não paravam de olhar para nós dois. Foi bastante estranho. Ana e eu trocamos um “oi”, e depois não conversamos mais. Ela também se sentou ao meu lado na sala de aula. Guga que sempre mexe comigo no começo de cada aula, não fez nada. Eu deveria ter tirado a foto da cara feia dele quando me viu chegar. Com certeza ele estava com muita raiva. Eu sei, tenho que agradecer muito a Ana por me ajudar, mas não entendo ainda as intenções dela, do porquê de ela agir daquela forma comigo. Se eu conseguisse pelo menos conversar com ela.

Ah, Depois de todas as aulas terminarem, Ana quis outra vez minha confirmação em sua festa. Odeio mentir, mas tive que dizer sim, pois como descobri naquele momento, quando estou na presença dela eu não consigo falar ou pensar em nada.

(Ana)

Nicolas...

O nome dele está ecoando por minha cabeça. Lágrimas estão escorrendo do meu rosto não sei há quanto tempo.

Estou mal, muito mal. Parece que a tristeza do mundo todo me invadiu. Fecho o diário azul, e mais lágrimas descem. Cada palavra, cada registro, cada dor que ele passou. Posso sentir a agonia de viver com isso esses anos todos em apenas uma hora. Eu sei agora o que ele pensa.

Porque não te conheci antes? Porque você não pediu ajuda? Eu quero fazer essas perguntas a ele.

Sei que é difícil pedir ajuda quando tudo ao seu redor está desmoronando. Quando todos estão ocupados. Como eu queria como eu quero ajudá-lo.

“O que eu faço?”

Agora tenho uma responsabilidade com Nicolas, não sei, lendo todos esses

registros parece que eu já conheço uma parte da vida dele. Um sentimento ruim me bate, e um choro convulsivo começa. Cubro minha boca com a palma da mão, para que ninguém me ouça chorar.

Muitas coisas estão passando por minha cabeça. Primeiro, ele me conhecia antes mesmo de conhecê-lo, e eu nunca tinha feito nada por ele. Eu via Guga implicando com Nicolas, mas eu não sei, não sabia como agir. Sou uma garota ruim.

Quero sair desse quarto, dessa casa. Quero procurá-lo, dizer que sinto um pouco da dor que ele sentiu e no que está sentindo. Quero acabar com o sofrimento dele, quero fazer algo só para amenizar a dor dele e também a minha.

Culpa, é o que sinto agora. Todos que viram Nicolas sofrer e não fizeram nada são muito mais culpados, pois não fizemos NADA. Eu vivi aquilo uns anos atrás. Uma vez me senti no lugar dele, mas eu esqueci e quis ser popular. Eu dei mais prioridade a minha popularidade do que em ajudar alguém. Droga, droga, droga.

Tenho que sair daqui, ir onde ele está e tentar pelo menos dizer a ele que sinto muito, pedir para que me perdoe, pois não sei o que vou fazer se ele...

Um forte NÃO ecoa na minha cabeça. Eu não posso pensar nisso, Nicolas está bem.

Ele deve estar confuso, com raiva. Com certeza ele está. Olho para o relógio no meu pulso esquerdo, onde a várias flores coloridas ao redor do visor que foi um presente do meu pai, e percebo que já são quase três horas da manhã. Logo estará amanhecendo.

Eu me levanto da cama, e passo as mãos no rosto para enxugá-la. Pego o diário azul. Leio com mais calma agora, cada detalhe, lugares que se eu não tivesse lido eu nunca saberia. Coloco o diário onde eu tinha encontrado, e caminho até a escrivaninha. Lá tem um papel de desenhar e uns lápis para pintar. Lembro que nos filmes quando um detetive encontra alguém, ele traça os passos da pessoa antes do seu desaparecimento.

É isso que estou tentando fazer agora. Anoto na folha os lugares que o Nicolas talvez tivesse ido.

Quando termino, já são quatro horas. Olho para a folha e vejo quatro lugares prováveis que ele talvez estivesse.

LUGARES:

- 1 – Escola
- 2 – Pracinha (fica afastado do centro)
- 3 – Praia
- 4 – Fazenda da avó

O primeiro Lugar, talvez fosse o lugar mais provável para ele ir. Amanhã teremos aula e talvez ele pudesse estar lá. Penso nas notícias que sempre passam no jornal, de outras crianças que cometiam algo na escola, pois era lá que o sofrimento delas começava. Talvez esse não fosse o caso de Nicolas, porque o sofrimento dele vinha de muitos lugares diferentes. Mas, se ele estivesse lá, isso me amedronta. E então penso no segundo lugar. O parquinho da infância dele, talvez ele tivesse lá para relembrar, talvez, dos momentos felizes. Já estive lá algumas vezes com o pessoal da escola, o lugar é muito bonito, rodeados por vários tipos de árvores, quieto, sem ninguém para perturbar. O terceiro e quarto lugar eu estava com muita dúvida. Esses lugares eram minhas suspeitas, mas bem, não sei. Porque penso na lógica do tempo.

O que aconteceu hoje pela tarde foi muito rápido, Nicolas não teria muito tempo de fugir sem dinheiro, para pegar um ônibus e ir à praia ou para a fazenda. Outra suspeita surge. Talvez Nicolas tivesse um plano, um esconderijo para emergências, mas acho que isso é improvável, pois ele teria registrado algumas coisas em seu diário.

Penso, penso, e... Claro! A bicicleta.

Como não pensei no meio mais rápido para fugir de todos? Mas tenho que ter certeza, sair das suposições e confrontar minhas dúvidas.

“Mas como vou sair do quarto, sem que ninguém note?”

Meu pai não tinha chegado e nem o pai de Nicolas. Bem, tem um jeito de fazer isso sem que ninguém perceba.

Olho para a janela que está um pouco distante, e caminho na direção dela. Ela está trancada em meio ao silêncio. Abro as persianas divagar e puxo o trinco que a prende lentamente, até que um pequeno estalo ecoa no quarto. Consigo abri-la. Está muito escuro, mas a luz do poste ao lado da casa me ajuda a ter uma visão de onde devo ir.

Antes de sair, penso nos meus pais. Eles irão surtar se não me virem dormindo no quarto. Eu volto e vou até a escrivaninha, e na mesma folha que

ainda está lá, escrevo:

Esses são os lugares onde Nicolas deve estar. Fui atrás dele.
Mãe não se preocupe, vou trazer Nicolas de volta. Amo você.

Faço outra carta de duas linhas para meus pais. Explico os motivos e peço para eles não se preocuparem, mesmo sabendo que eles irão.

O depósito da casa de Nicolas está logo nos fundos onde ficam os materiais de jardinagem, e outras coisas que são utilizadas poucas vezes. Sei disso porque como quase todas as casas dos bairros, elas foram quase planejadas semelhantemente.

Tenho certeza que Nicolas não colocaria sua bicicleta na garagem da casa, para que nenhum carro possa passar por cima dela como aconteceu da última vez. Eu me lembro de ter visto um cara alto, vestido de um terno escuro em uma foto na parede do corredor da casa. Com certeza aquele era o irmão de Nicolas. Se ele aparecesse em minha frente agora, eu daria um soco no rosto dele.

Sento no parapeito da janela e dou um salto de leve para fora. Tudo está silencioso, sinto a grama alta abaixo dos meus pés, olho para o céu estrelado acima de mim e caminho devagar até o quintal. Procuro onde minha visão alcança a porta do depósito, e a vejo, mas não preciso abri-la para ver o que tem lá dentro.

Ao lado da churrasqueira elétrica que me parece meio enferrujada, está uma bicicleta vinho em tom quase vermelho, cheio de adesivos radicais azuis turquesas encostada na parede ao lado da porta. Decepção e alívio estampam meu rosto na escuridão.

Agora minhas hipóteses estão tomando outros rumos. Nicolas estaria em uma porcentagem de setenta por cento ainda na cidade. Isso me levaria a ir à escola e a pracinha, mas como faria isso? Lembro dos perigos de sair uma hora dessas. Penso em ladrões, e pessoas que querem fazer mal a outras pessoas. Respiro fundo e digo para mim mesma que tenho que enfrentar esses medos do desconhecido, porque uma pessoa precisa de mim.

Ando até a bicicleta vinho. E vejo que ela é um aro vinte e quatro. O mesmo tamanho da minha *bike* lilás que está na garagem da minha casa. Movo a bicicleta sem fazer muito barulho, e com minhas forças a ergo, e a carrego pelos braços até a calçada numa distância de mais ou menos vinte metros. Solto ela lentamente um pouco longe da luz do poste, e sinto o suor

começando a percorrer o meu rosto. Sento no assento da *bike* e começo a pedalar devagar até virar a esquina.

Aumento a velocidade das pedaladas, em poucos minutos estou longe da casa de Nicolas. Penso no trajeto para ir à escola. Tady leva menos de quinze minutos para chegar lá com o ônibus, contando as paradas que são mais ou menos seis. Então, eu levaria meia hora ou menos para chegar lá.

Meu coração dispara. As ruas estão silenciosas, em poucos minutos chego à minha rua, e olho para minha casa na penumbra. Eu só consigo ouvir os barulhos das correntes se moverem enquanto pedalo mais rápido. Meus medos tentam sair, e aí começo cantar uma canção alegre bem baixinha, que fala de estrelas, planetas e sorrisos. Minha mãe cantava essa música todas às noites para mim, quando eu não conseguia dormir.

*Veja o céu, a noite transborda
Sorria para as estrelas
Contemple Vênus e seu encanto
A bilhões de mistérios lá em cima
O universo é único
Criado por um enigma e um pouco de amor...*

Sigo pela calçada entre as dezenas de postes acesos que parecem sinalizar o caminho onde vou encontrá-lo. O vento sopra, não está tão frio, o que é estranho porque ainda é inverno. Acho que é a adrenalina.

Passo por muitas ruas, comércio, todos envolvidas no breu como numa cidade apocalíptica. Penso em zumbis espalhados pela cidade, meu corpo todo se arrepia. Juro que depois dessa madrugada, nunca mais irei assistir séries de terror.

Respiro fundo, e foco na minha missão.

Demoro menos que trinta minutos para chegar ao primeiro local. São quatro e meia da manhã.

Consigo avistar o prédio escolar. Em meio ao silêncio, ouço as batidas do meu coração acelerado. Sinto minhas mãos e meus joelhos tremerem. Ainda está um pouco escuro, mas paro em uma distância que dá para ver o que está acontecendo ali. Não vejo nada. Apenas uma árvore próxima. Pedalo novamente, agora bem devagar, e paro em frente ao grande portão com grades pintadas de verde claro.

Desço da *bike* e ando lentamente, para não fazer tanto barulho. Olho para os lados, e subo os degraus e coloco meu ouvido contra as grades geladas como personagens de filmes de espionagem fazem. Não consigo ouvir nada.

Será que ele está lá dentro? Será que ele está dormindo esperando acabar com tudo aquilo assim que os alunos chegarem?

Ando pela frente do prédio, e sinto o silêncio amedrontador.

Digo novamente para mim mesma que não devo ficar com medo. Ando de novo até a frente da escola. Olho para o único portão de entrada, e observo os muros ao lado que são cercados por cercas elétricas.

Eu pego a bicicleta.

Nicolas não está aqui. Eu sei. As janelas tudo mais têm grades, o que me faz pensar que ele não conseguiria entrar. Não conheço nenhuma entrada secreta, mas se Nicolas tivesse encontrado uma, com certeza ele mencionaria no diário. Muitas dúvidas lotam minha mente.

Começo a pedalar, e torço para que ele esteja seguro. Viro a primeira esquina no lado oeste, rumo ao próximo destino: A pracinha afastada do centro da cidade.

(Nicolas)

A casinha de madeira é um pouco espaçosa. O ruim é que venta um pouco forte aqui em cima. Sinto um pouco de frio, mas encolhido contra o cercado de madeira que cerca a casa da árvore e agasalhado por uma blusa de frio, a sensação térmica fica bem melhor.

Observo as estrelas do lado de fora. Não tenho medo da escuridão que vem do interior da casinha vazia, porém se eu estiver lá dentro não poderei ver pela última vez o universo. Desde que cheguei aqui, não vi nenhuma nuvem ou movimento ao redor do parquinho. Tirando um homem bêbado que estava dormindo umas horas atrás no banco de concreto aqui perto, e o barulho de buzinas de carro ao longe. Graças as centenas de árvores ao redor do parque, os faróis de carro não atrapalham a visão do céu noturno.

Estou sozinho com meus pensamentos. Eu amo o céu à noite, a sua profundidade, o universo, as inumeráveis estrelas, que alguns não sabem, mas na verdade algumas delas são planetas, que sempre enxergamos aqui de baixo como pontinhos brilhantes.

Quase ninguém tem tempo bastante para admirá-las, eu entendo, nós vivemos no mundo assim, um mundo onde crescemos e esquecemos as coisas boas. Não vou precisar me tornar um adulto para esquecer isso tudo.

Prometi a mim mesmo que darei algumas horas comigo mesmo até o pôr do sol. Não quero sentir a escuridão me rodeando outra vez. Quero ver o primeiro raio de sol iluminando o que me resta de bom. E aí, eu estarei pronto.

O tempo parece caminhar lentamente. Não tenho fome, e a sede não parece me incomodar desde que subi aqui. Meus pensamentos se chocam com dúvidas de não fazer o que tenho que fazer. Penso na minha casa, nos meus pais que talvez estejam procurando por mim. Daí minha mente é invadida pelos momentos ruins e os dias tristes.

Um dia a dor deles irá passar, e eles têm meu irmão.

“Tomara que depois que eu fizer, ele sinta algum remorso.”

Paro de pensar por um momento. Volto a pensar. Reflito no significado do meu nome.

Nicolas tem um significado muito bizarro e diferente do que sou agora. Nicolas é uma junção de dois nomes gregos, e significa *vitorioso*. Pesquisei sobre isso há um ano, mas ainda não entendi o porquê dos meus pais darem esse nome para mim. Eu não sou vitorioso, ao contrário, sou um perdedor que está prestes a terminar com tudo, porque perdeu a vontade de encarar esse mundo, de lutar para viver, literalmente.

Não sou corajoso, e isso não é um teste para medir minhas forças. Estou com medo. Com muito medo.

Volto a olhar para o céu. Não consigo chorar mais, a fonte de água dentro de mim se secou. Quero ouvir uma música triste, mas lembro que esqueci o celular em algum lugar do meu quarto junto com meu caderno azul. O caderno. Logo não terei mais razão para tentar escondê-lo, pois alguém vai encontrá-lo, e todos saberão os motivos do que eu fiz.

Passo as mãos devagar nas minhas pernas.

Estou machucado por dentro, e ninguém poderá entender. Estou com medo todos os dias, mas ninguém percebe. Nunca saberão que há três anos eu estava descobrindo jeitos de aliviar o silêncio, a solidão. Foi nesse lugar que me cortei pela primeira vez.

Sinto a árvore de troncos fortes e grossos abaixo de mim no qual foi

construída essa casa de madeira, e uma lembrança triste começa a se projetar na minha frente. Eu corria de outra discussão dos meus pais, estava muito mal por eles terem acabado com outro aniversário meu. Eu vi em um piscar de olhos, bem na minha frente, uma árvore com um entroncamento em V cheios de galhos. Não desviei. Tive tempo de desviar, mas não fiz isso.

A pancada foi forte, caí de costas na grama verde e fiquei desorientado por um segundo, até que percebi que a dor que vinha do meu coração tinha passado naquele instante. Foi um pequeno alívio, no entanto foi o suficiente.

Nesse momento, garotas e garotos assim como eu, que não aguentaram, estão agora fugindo desse mundo. Dizendo para aqueles que nos fizeram mal: Ok, vocês venceram!

Estou indo para um lugar bom. Sim, acredito. Tenho que acreditar que exista um lugar onde não há mais dor.

Respiro fundo e me levanto devagar. Meu corpo está dormente, como se eu estivesse anestesiado. A casinha de madeira, que fica no centro da pracinha é um pouco alta, mas não mata se você se jogar de lá. Olho para baixo e logo para a vasta escuridão acima de mim. Quero dizer, quase escuridão.

Sobre os topos das árvores ao leste, o céu profundo estrelado vai passando de um azul escuro para um tom claro. Daqui há algumas horas encontrarão meu corpo, que deve ser notícia no jornal da noite sobre um caso trágico de um garoto que não aguentou o peso do mundo e se matou.

Pronto! Ele se matou.

Essa frase ecoa na minha mente.

Olho para minha mochila encostada na parede do cercado ao meu lado, e a pego com a mão dormente. Abro e tiro de lá o objeto reluzente.

Mais clarões de luz surgem no horizonte. Olho para a arma.

– Está tudo bem, garoto azul – digo em voz alta para mim mesmo.

Seguro o cano do revólver em direção ao meu peito. Destravo, e seguro o gatilho. Fecho os olhos.

Não penso em mais nada.

– Nicolas! – escuto uma voz me chamar.

Alguém empurra meu braço quando aperto o gatilho. Ouço um som. Um disparo. Um fim.

Tudo fica escuro.

DIA OITO

(Nicolas)

Eu abro meus olhos devagar. Uma luz invade minha visão. Algumas lágrimas escorrem por causa da claridade.

“Será que estou no céu?”

Fecho e abro meus olhos várias vezes para me acostumar com as diversidades de cores neutras. Enquanto me acostumo, começo a mexer minhas mãos. Sinto alguma coisa segurando a minha mão direita. Viro rápido minha cabeça, e isso dói. Minha visão continua embaçada, mas consigo distinguir uma sombra desfigurada ao meu lado.

– Tudo bem, Nicolas. – ouço uma voz que não reconheço, dizer meu nome.

Começo a ficar nervoso. Percebo algo confortável abaixo de mim. Estou deitado. Tento me levantar. Ouço a mesma voz que falou comigo chamando... a enfermeira.

Não posso acreditar!

EU, NÃO, MORRI? EU NÃO ESTOU MORTO?!

Minha cabeça doe muito. Não consigo pensar. Ouço mais vozes dizendo meu nome agora. Alguém passa a mão na minha testa. Sinto uma dor aguda em alguma parte do meu corpo. Meu coração começa a diminuir a batida. Meus olhos se fecham devagar.

Volto a ficar no escuro.

* * *

Não consigo abrir os olhos. Estou com frio, mas não quero dizer a ninguém. Tenho medo, pois não sei o que houve. Quero saber onde estou, perguntar o que aconteceu, mas não posso.

– Desculpa, filho.

Escuto uma voz. Uma voz trêmula e bastante triste sibila pelos meus ouvidos. Eu me concentro no som, e meu medo aumenta. É o som da voz da minha mãe. Ela está aqui, está aqui do meu lado. Quero dizer a ela que sinto muito, mas não consigo.

Fico em silêncio.

– Eu... só quero, que você saiba que eu te amo muito. – minha mãe começa

um choro longo.

Eu quero chorar.

– Você vai ficar bem, seu pai e eu, nós estamos aqui. Eu te amo, meu amor.

Escuto minha mãe se levantar. Meus pais estão aqui, juntos? Algo me cobre até os ombros. O frio passa. Ouço alguma coisa bater, e por um minuto escuto o silêncio. Não tenho coragem de abrir os olhos.

O reservatório de lágrimas dentro de mim transborda. Deixo a dor sair.

* * *

Minha consciência volta. Abro os olhos, e o incômodo em abri-los some. Vejo um teto branco e uma luz que sai de uma lâmpada no meio. Viro minha cabeça e vejo que não estou no meu quarto, na minha casa. Olho para as paredes alvas e isso me dá calafrios. Parece o quarto que fiquei antes de fazer a cirurgia.

Há uma bolsa cheia de sangue, estendida por uma haste de metal à minha esquerda. Ainda não acredito. Tudo tinha dado errado, mas como? Minha cabeça começa a doer.

Sinto medo. Medo do desconhecido.

“Como eu sobrevivi?”

Muitas perguntas no qual não existem respostas, tomam minha mente.

Continuo olhando em volta, e tento me levantar, mas isso não é uma boa ideia. Não quero chamar a atenção de ninguém. Essa talvez seja uma cama como de uma cena que vi em um filme, que se você mexer ela começa a apitar. Não quero ver ninguém, muito menos meus pais. Não agora.

Ainda não acredito. Ouço alguns barulhos passando atrás da porta, e de repente ela se abre. Fico sem reação alguma, só sinto uma mistura de pânico e muito medo.

Uma menina de cabelos compridos que usa uma blusa amarela de manga longa, entra, segurando o trinco da porta. Ela para e me olha. Aquele olhar eu conhecia, foi o primeiro olhar quando nos vimos no ônibus.

Ana continua parada. Nós dois estamos sem reação. Devia ter se passado um tempinho, pois ela olhou para trás e andou para dentro do quarto, fechando a porta.

Assim que ela fecha, ela se vira e olha para mim.

– Oi – sua voz soa um pouco baixa.

Não consigo dizer nada por uns segundos.

– Oi. – digo.

Ela anda, e se senta numa cadeira de metal pintada de cinza chumbo que está do meu lado direito um pouco afastada da cama. Ela abaixa a cabeça, e fica mexendo as palmas das mãos uma contra a outra.

O silêncio invade a sala.

– Você... está se sentindo melhor? – Ana me pergunta ainda de cabeça baixa.

– Acho que estou. – digo, com a voz um pouco elevada.

Ela não olha para mim, mas eu a olho. Não tenho vergonha de olhá-la. Percebo o cabelo dela, a cor brilhante dos fios loiro escuro se iluminando pela claridade. Ana é mais bonita agora, mesmo com sua fisionomia exausta. Ela parece que não dorme há dias.

– Eu sinto muito. – diz Ana.

Ela começa um choro convulsivo, seu corpo treme. Não tenho nenhuma reação. Não sei o que dizer. Nunca vi uma garota chorar.

– Você sabe por que está aqui? – ela pergunta quase sussurrando, meio minuto depois.

Aquela era umas das perguntas que eu não tinha resposta. Talvez eu estivesse em um hospital de reabilitação ou algo do tipo para o meu caso.

– Não. – respondo com receio em saber.

Ana levanta a cabeça e me observa. Vejo seu rosto molhado. Lágrimas não param de escorrer.

– Eu estava te procurando na madrugada. – ela diz. – Andei por uns lugares que possivelmente o encontraria. E no lugar que eu tinha que ir, eu vi sua sombra de longe numa casa da árvore. Eu sabia que era você.

Sua voz muda de um tom que desconheço. Talvez pânico.

Uma mistura de alegria e uma profunda tristeza me envolvem ao mesmo tempo. Porque Ana estava à minha procura? Uma garota que nunca pensei que tentaria me encontrar. Ela continua:

– Mesmo a pouca distância, eu pude ver o que você segurava. Eu tentei correr Nicolas, mas os meus pés estavam congelados pelo pavor. Implorei para você não fazer. E aí gritei seu nome... E ouvi um som.

Ana cobre o rosto com as mãos. Um choro longo continua.

Começo a recordar da noite que estive prestes a sair desse mundo. Desvio

meus olhos para o teto. Ouço o choro de Ana ecoar nos meus ouvidos.

– O que aconteceu depois? – pergunto.

Tenho a sensação que ela está olhando para mim, enquanto continuo fitando o teto. Escuto Ana chorar mais um pouco antes de responder.

– Caminhei até a casinha, e subi por uma escada de corda pendurada na entrada. – sua voz some por um segundo. – Vi muito sangue, e aí eu vi você caído.

Ela para de falar, parece engolir seco. Continua:

– Eu liguei para a emergência, eles não demoraram muito. – Viro minha cabeça para olhá-la. Ana continua com o olhar fixo em mim. – Eles disseram que você estava vivo, que a bala tinha de alguma forma atravessado seu braço. Hoje faz três dias que você está aqui.

Começo a ficar tonto com tanta informação. Ana não está mais olhando para mim. Ela fita o meu braço esquerdo.

Atado por uma faixa, o meu braço parecia intacto. Vejo um longo tubo fino que começa na bolsa de sangue, e segue até o braço imóvel. Uma confusão de emoções me invade. A dor que entorpecia meu corpo vinha daquela parte que parecia congelada.

– Como...

Minha voz se perde na confusão que estou sentindo. Eu tenho certeza que segurei a arma bem na direção do meu peito. Mas...

Estremeço.

– Eu me lembro, alguém tinha puxado meu braço – digo, tocando bem devagar as ataduras com os dedos entorpecidos da mão direita.

Volto meus olhos para Ana que está pensativa. Ela balança a cabeça.

– Não tinha ninguém lá. Eu vi apenas você.

Não fazia sentido. Examino meu braço enfaixado. Eu me lembrava nitidamente do meu braço sendo puxado.

– Talvez não tenha explicação. – Ana diz, num tom exausto.

Ficamos em silêncio por um tempo.

– Como você sabia que eu estava lá? – pergunto.

Ana desvia os olhos do chão e começa a examinar meu rosto. Ela respira fundo. Percebo lágrimas escorrendo do rosto dela.

– Desculpa Nicolas, mas se eu não lesse, não teria encontrado você. – diz ela, desviando os olhos novamente para o chão.

Começo a raciocinar. Fico calado por um instante.

Ana leu o caderno.

Ela esteve no meu quarto. Uma garota esteve no meu quarto. Não sinto raiva. Uma sensação boa invade o meu peito. Alguém conhecia um pouco dos meus pensamentos agora. NÃO! Ana sabe o que penso dela. Estou com vergonha, mas outra sensação diferente de tudo que já senti antes me envolve.

Olho fixamente para ela. Solto um suspiro.

– Tudo bem! – digo meio sem jeito.

Ela volta a olhar para mim, a franja dela cobre o seu olho direito.

– Eu não deveria, eu sei que foi errado, mas...

– Eu entendo. Obrigado.

Eu percebo que estou sorrindo. Ana passa a mão no cabelo, e começa a chorar aos soluços. Ela não está me parecendo a garota que enfrentou o Guga Valentão.

– Queria te pedir desculpas. – ela diz minutos depois. Seus globos oculares estão irritados de tanto chorar.

– Desculpas? – pergunto, sem entender.

Ela passa a mão outra vez no rosto.

– Eu deveria ter te chamado, eu deveria ter te salvado das mãos daquele...

Percebo que ela iria falar um palavrão, mas parou. Ana fica me olhando, sem reação.

– Gostei muito quando você chutou o Guga Valentão. – digo, com voz boba.

Ana sorri. Ela está vermelha.

– Eu não queria fazer aquilo, mas ele me provocou – ela diz com um sorrisinho.

Sorrio.

Não sei por quanto tempo ficamos sorrindo, mas paro. Seguro a respiração, enquanto me ajeito na cama hospitalar. Meu corpo todo dói. Dou um longo suspiro. Procuro as palavras certas sobre o que vou dizer.

– Sabe, eu pensei que minha vida iria terminar lá, naquele parquinho, agora não faço ideia de como minha vida vai continuar. Eu não quero viver tudo que vivi, não quero...

Meus olhos começam a ficar embaçados. O sorriso de Ana some.

– Você não vai Nicolas. – diz ela, baixinho. – Eu... vou estar do seu lado nos momentos ruins.

Emoções que nunca senti antes queimam no meu peito. Penso nas palavras que acabo de ouvir.

Eu hesito, quando uma pergunta surge em minha mente.

– Porque você me convidou para sua festa?

Ana sorri por um segundo, enquanto seu rosto cora. Um pouco de timidez surge.

– Eu achava que você precisava de uma amiga, precisava sair. Na verdade, eu queria muito conhecer você. Desde que te vi no ônibus no primeiro dia de aula, eu não tenho certeza, mas você tinha alguma coisa que me chamava muito a atenção.

Meus olhos piscam rapidamente, meu rosto também cora, então eu começo a rir. Não posso evitar esse sentimento agradável de saber que alguém, uma garota, se importa comigo.

– Deve ser meu imã. – digo depois que paro de rir.

Ana me encara, com cara que não entendeu. Então explico:

– Eu sou um imã que atrai coisas ruins que estão ao meu redor. Talvez você tivesse percebido o quanto eu estava rodeado por essas coisas.

Ana entende. Ela confirma com a cabeça e sorri.

– Deve ser isso mesmo.

Outra pergunta surge em minha mente. Uma grande dúvida.

– Foi por minha causa que os nossos colegas não foram para sua festa?

– NÃO! – diz Ana rapidamente, balançando a cabeça assim que eu termino de perguntar. Posso ver a verdade nos seus olhos. – Eu me afastei de todos eles Nicolas, porque eles são cruéis. Eu não queria me tornar um deles.

Ela respira fundo. Ana continua:

– Eu passei pelo que você já passou. Na minha escola, eles eram terríveis.

– Ela levanta as mangas longas da blusa amarela, e estende os braços. – Fiz isso para amenizar a minha dor.

Nos dois braços pálidos que parecem tão frágeis, há dezenas de finas cicatrizes rosadas. Noto duas cicatrizes maiores de forma horizontal, marcados nos dois pulsos.

“Ana também”. É a única coisa que consigo pensar.

Eu estremeço. Fico em silêncio por um longo minuto.

– Estou bem Nicolas – diz Ana, percebendo minha reação. – Minha psicóloga, me ajuda muito, sabe, aprendi a conviver nesse mundo caótico.

– Você tem uma psicóloga? – pergunto. Uns turbilhões de lágrimas querem sair.

– Tenho. – Ana diz, sem hesitar. – Se você quiser, ela também pode te ajudar.

– Você acha que posso ser ajudado? Será que eu consigo... sobreviver a tudo isso? – pergunto, meus olhos voltam a ficar embaçados.

Ana se inclina para frente. – Como eu disse, Nicolas. Vou estar do seu lado nos momentos ruins.

Ela sorri. O seu sorriso afasta a tristeza e os milhões de perguntas que quero fazer.

Ana se levanta e se aproxima de mim, e em seguida pergunta:

– Você... Quer ser meu amigo?

As palavras ecoam na sala. Fixo meus olhos nela, meu coração bate contra minhas costelas. Começo a recordar dos filmes que eu assisti um tempo atrás, de uma garota e dois garotos que se tornavam amigos. Eu ficava imaginado como seria quando tivesse pelo menos um amigo, queria que fosse como aquela cena, mas agora, nesse quarto de hospital, isso bastava.

– Sim. – consigo dizer.

Não percebo a tempo, mas meus olhos ficam muito embaçados. Começo a chorar como um bebê. Fico constrangido por esta chorando na frente de uma garota. Fecho os olhos e choro entre soluços.

Sinto Ana afagar meu ombro. Um sorriso enorme cobre meu rosto.

“Não acredito, eu tenho um amigo. NÃO ACREDITO!”

Olho para Ana e percebo que ela também está sorrindo. Nós dois estamos sorrindo um para o outro.

– Nunca imaginei que isso pudesse acontecer comigo. – digo com a voz trêmula, minutos depois.

Ana segura minha mão molhada.

– Nicolas – ela sussurra. – Você nunca estará sozinho.

Não consigo encontrar o vazio que esteve dentro de mim esses anos todos. Aperto a mão de Ana, para que ela possa sentir além de mim essa sensação boa que me envolve. Ana aperta de volta, e uma enxurrada de esperança me toma.

– Acho que nunca mais estarei.

10 DE NOVEMBRO - MOMENTOS E MOMENTOS

Olá sou eu, Nicolas. Depois de muito tempo voltei. Muitos lances bons e ruins aconteceram desde a última vez que escrevi.

Tenho uma psicóloga agora. A Doutora Karine disse que posso superar qualquer coisa, Ana me disse que ela tem razão. Meus pais estão muito presentes desde aquele dia, eles me pediram muitas desculpas, mas eu não tenho nada que perdoá-los, pois eles são a minha família, e isso já é o perdão que todos precisavam. Até meu irmão cabeça dura me pediu desculpas e sei que ele foi verdadeiro. Só Ana que não gosta muito dele, mas espero que ele seja feliz.

Ana tem me ajudado muitos esses meses desde que eu quase terminei com os meus dias. Acredita que ela pediu para me tornar amiga dela? Eu aceitei. Nós somos muito parecidos, gostamos das mesmas coisas.

Não irei escrever aqui o que passou com Ana, mas ela disse que talvez ajude a próxima pessoa que está lendo isso. Ana me contou o porquê de usar blusas de manga longa. Bem, ela tem cortes pelos dois braços, assim como tenho nas duas coxas. Ana sofreu abusos quando pequena e *bullying* na antiga escola dela. Ela superou tudo, mesmo convivendo diariamente com as cicatrizes externas. Não quero detalhar o que ela passou, pois é muito pessoal, e faz parte da vida dela. Cada um com seu passado, então cabem a nós compartilharmos ou não.

Estou percebendo que ao meu redor tem pessoas que podem fazer minha vida valer a pena. De alguma forma ainda estou vivo. Tem dias que eu tento explicar para mim mesmo que a mão que empurrou meu braço, enquanto segurava a arma do meu pai, foi uma ilusão. Mas eu não me convenço disso. Estou descobrindo um jeito de ajudar esse mundo do mal que chamamos de casa, porque ainda me sinto triste por saber que a muitos como eu que tentaram e que vão tentar partir nesse momento. Doutora Karine me disse que dias ruins em minha vida iram continuar, mas não vou precisar mais escrevê-los aqui. Agora eu sei que talvez, há sempre uma saída, não penso no passado, mesmo que a tristeza apareça em alguns dias, eu apenas saio de bicicleta pelos bairros próximos à minha casa e começo a dissipar a confusão que ainda existe dentro de mim.

Amanhã tenho aula, estarei guardando o lugar de Ana do meu lado no ônibus. E sim, tenho certeza que nosso dia estará superlotado de momentos

bons. Pensamento positivo. ☺

“TODO FIM, TEM UM COMEÇO.”

Doutora Karine

OLÁ LEITOR (A),

Primeiramente eu quero agradecer por você ter conhecido um pouco da vida de Nicolas. Se você se identificou com ele, saiba que existe alguém que se importa com você. Não desista.

Conheço pessoas próximas de mim que já pensaram em terminar com tudo. Foi por essas pessoas, e por você, que escrevi essa história.

“Perdido” começou em 2015, depois de um período sombrio da minha vida. Eu passei por muitos *bullies* na infância e na adolescência. Cheguei à depressão, e eu só pensava em terminar com tudo. Houve tentativas frustradas de suicídio. Eu queria acabar com o sofrimento, porém algumas pessoas ouviram meu grito de socorro antes que fosse tarde. Sou grato a eles por isso, pois eles me mostraram que eu tinha uma escolha. Eu poderia lutar, e sobreviver dia após dia. Não foi fácil, não é fácil, mesmo quando há dias que você não vê soluções. Mas há sempre uma solução: Não desistir.

Os dois personagens centrais dessa história tomaram uma decisão que a maioria das vezes não tem volta. Mas se você chegou até a última página deste livro, você sabe agora que pode lutar contra a dor, o vazio profundo que sente. Você é amado. Se você precisa de um amigo, conte comigo. Você não precisa passar por isso sozinho.

Converse, fale para que um pouco dessa dor possa diminuir. O mundo é mal, mas você pode fazer dele um lugar melhor.

Um forte abraço,

Caique Barreto.

Se você precisa de ajuda, ligue 141 para o CVV (Centro de Valorização da Vida) que prestam serviço voluntário e gratuito 24 horas todos os dias, para pessoas que precisam conversar sob total sigilo.

SITE DO CVV: www.cvv.org.br

[Ligue para o telefone 141](tel:141)
(se você mora no RS ligue 188)

AGRADECIMENTOS

Sou grato a Deus (Papai) por ter me sustentado até aqui. Sou grato também a minha mãe por está sempre ao meu lado.

Obrigado a Jenifer, Tia Clêvia, Luis Felipe, João Vitor, Rayara, Tia Val, meus avôs Enildes e Valdemir por serem uma família maravilhosa.

Minha gratidão aos profissionais incríveis que estiveram por trás deste livro, cuidando deste projeto com seriedade e amor. Daniel Rebouças, por coordenar e por tornar a história de Nicolas possível. A Thais Gouveia, obrigado pela ilustração.

E finalmente, meu muito obrigado aos amigos que se foram e os que estão presentes. Vocês me ensinam todos os dias o verdadeiro significado de amizade. Sem vocês, nada disso seria possível.